ILUSTRAÇÃO

RAMON DEL VALLE-INCLAN

16-JANEIRO-1936 N.º 242 — 11.º ano PREÇO-5 escudos

Excursões a preços reduzidos

ao Triangulo de Turismo e ao Estoril
com refeições nos hoteis de Estoril e Sintra

Nas estações de Cais do Sodré ou Lisboa-Rossio estão à venda, diàriamente, para estas excursões os bilhetes seguintes a preços reduzidos:

— De Cais do Sodré a Estoril-Sintra-Rossio, com direito a almôço no Estoril e jantar em Sintra, ou vice-versa

Por passageiro		
	1.ª Classe	48$00
	2.ª Classe	42$00

— De Cais do Sodré a Estoril e volta, com direito a almôço **e** jantar no Estoril

Por passageiro		
	1.ª Classe	45$00
	2.ª Classe	39$00

— De Cais do Sodré a Estoril e volta, com direito a almôço **ou** jantar no Estoril

Por passageiro		
	1.ª Classe	30$00
	2.ª Classe	25$00

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 30 – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Os cuidados necessários para que a beleza se mantenha, são delicados e requerem uma escolha judiciosa de produtos, destinados a conservar a frescura e o encanto da juventude.

Os produtos de **M.me Campos, Rainha da Hungria, Yildizienne, Rosipôr, Oly, Rodal, Mystik,** etc., são excelentes preparados que conforme a natureza da epiderme, assim devem ser usados. Para cada caso especial da sua pele ou correcção de formas. Consulte-nos e peça catálogos.

ESTABELECIMENTO CIENTIFICO DE CULTURA ESTETICA

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Av. da Liberdade, 35 LISBOA Telef. 2 1866

A dor envelhece

A cara é o espelho da alma, mas tambem o é do nosso organismo. As dores de que sofremos às vezes: dores nevrálgicas, dores de cabeça ou de dentes, mudam a expressão do nosso semblante, cavando profundas rugas que envelhecem. Felismente que, hoje em dia, não há necessidade de sofrer. Um ou dois comprimidos de CAFIASPIRINA tiram, num instante, as dores mais intensas, restituindo-nos o completo bem-estar.

Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — — —

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: — 2 0535

N.º 242 — 11.º ANO
16 — JANEIRO — 1936

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

O MUNDO VÊ UMA BRUXA...

O Novo Ano começou tão mal que as suas entradas, consideradas auspiciosíssimas por alguns visionários, tiveram apenas a solenizá-las a fúria dos elementos.

Inundações, naufrágios, ventanias devastadoras tanto na terra como nos mares...

Segundo uma antiquíssima superstição, que ainda subsiste apesar do avanço mental da humanidade, o ano de 1936 deveria ter começado assim, atendendo, quando mais não fôsse, à pécha de ser bissexto. Sempre se acreditou na influência malígna do mês de Fevereiro, já de si mau como as cobras, e ainda por cima alentado com mais um dia de duração. Já sabemos, portanto, a quem poderemos atribuír todo o mal que nos possa acontecer.

Se os anos bissextos fôram sempre assim...

Desta vez, para não fugir à regra, o Novo Ano abriu a sua passagem como um Átila, espalhando a morte e a destruïção por tôda a parte.

E, como se não bastasse o que nos aconteceu já, aparece agora uma bruxa ilustre, Madame Luce Martin, que, após um minucioso estudo através dos astros, profetiza guerras sangrentas, epidemias, abalos de terra, revoluções, tudo enfim que possa torturar a pobre humanidade.

"Nêste ano bissexto — afirma a ilustre pitonisa com a maior segurança e convicção — os acontecimentos dependerão mais dos elementos que dos homens. Nenhum país escapará, essa lhes juro eu. Há de levantar-se um temporal de tal violência, que a navegação sofrerá os mais espantosos prejuízos.

Nos campos, então, as inundações arrastarão sementeiras, choupanas e palácios, numa avalanche de pavor. As epidemias grassarão sôbre os países em guerra, causando milhares de vítimas, especialmente entre os exércitos em luta„.

E como se viesse dar-nos uma agradável notícia, sai-se com esta afirmação arripiante, que teve o cuidado de embrulhar no seu mais belo sorriso:

"Os povos não gozarão a paz por que tanto anseiam. As relações internacionais continuarão tensíssimas. Consequentemente, as finanças de todos os Estados entrarão numa fase caótica, por mais voltas que lhes queiram dar„.

Para começo, não poderia ter-nos escolhido melhor situação... Mas a bruxa contínua a resmungar:

"Prevejo grandes agitações entre os povos que modificarão o aspecto da política mundial. Morrerão uma personalidade reinante e um príncipe da Igreja. Prevejo ainda crises políticas, numerosos escândalos e até um processo de alta traição que assombrará o Mundo.

"Os astros não falham nunca, meus senhores!

"Prevejo também atentados políticos na Alemanha, e mudança de altos postos do Govêrno. Homens hoje poderorosos serão privados dos seus bens e até da sua liberdade. No fim do ano, Hitler conseguirá restabelecer o equilíbrio, graças a acôrdos firmados com potências estrangeiras. Na Inglaterra, um acontecimento deplorável provocará uma brusca mudança e até alguns crimes políticos. As relações diplomáticas anglo-italianas tornar-se-ão mais delicadas do que se possa imaginar.

"Na França, registar-se-ão alterações políticas importantíssimas que causarão surprêsa no mundo inteiro...„

Como se vê, a ilustre pitonisa é pródiga em vaticínios terrificantes.

Não sabemos o que destinou à Itália que se empenha, nêste momento, numa guerra de vida ou de morte, nem o que acontecerá à Etiópia que se defende dos seus invàsores com tôdas as ganas da sua energia.

E' certo que os temporais dos últimos dias causaram graves prejuízos em vários pontos do glôbo. O que passou por Portugal já é uma amostrazinha de respeito. Mas, francamente, não podemos ter a pretensão de desejar, como aquêle pobre lavrador da Lourinhã, "sol na eira e chuva no nabal„ ao mesmo tempo.

As tremendas inundações que alagaram campos e provocaram derrocadas, se para nós fôram tão crueis, estão sendo uma grande esperança para os abexins que conseguem do temporal o mais formidável auxílio que um poderoso aliado lhes poderia dar.

Confiados na eficácia da sanção das chuvas, que não fica atraz da do petrólio, os etíopes activam a sua ofensiva em tôdas as frentes e contam como certo que até Julho, o mais tardar, não haverá um único soldado italiano nos territórios do Négus.

Quanto ao Egipto, a pitonisa não disse uma palavra, talvez por não ter compreendido a lingüagem hieroglífica dos astros. E, no entanto, afigura-se-nos que haveria muitas as coisas a dizer...

E do Japão? E da Bulgária? E da Grécia? O rei Jorge sempre casará com a tal multimilionária norte-americana?

Quantas e quantas coisas o Mundo desejaria saber!...

Não nos falou a bruxa ilustre do que poderia suceder à nossa visinha Espanha em cujo seio refervem uns bróculos eleitorais de difícil cosedura que as "direitas„ e as "esquerdas„ pretendem condimentar a seu modo.

Acêrca de Portugal nada disse, que nos conste.

E foi melhor assim.

Se havia de vir alarmar cada um com disparates, avisada andou em se calar.

Isto de bruxas videntes e pitonisas, foi mal de sempre.

Logo que se avisinha a noite de S. Silvestre, brotam por tôda a parte como cogumelos duma estrumeira, a revelar o que os astros, mudos como peixes, lhes indicaram por sinais.

Como se os astros, afadigados com as leis do trânsito que a gravitação moderna lhes deve ter impôsto, tivessem tempo para se preocupar com o que vai cá por baixo.

A darmos crédito aos mais abalisados astrólogos, o Mundo deveria ter acabado no ano de 1.000, chegando a ter o funeral encomendado, e pronta a urna para lhe receber a carcassa. Pois não morreu...

E, a não surgir qualquer incidente imprevisto, havemos de chegar ao ano de 2.000, se Deus nos der vida e saúde.

Como Lisboa recebeu o Gungunhana

Há quarenta anos, quando Portugal festejava a derrocada do império vátua, realizada pelo heroico Mousinho de Albuquerque, a Itália pungia tão amargamente com a formidável derrota sofrida na Etiópia, que o jornal parisiense *Gil Blas* fazia esta afirmação: «Pedissem os italianos auxílio a êsse punhado de portugueses que prenderam o Gungunhana e teriam levado diante de si todos os abissínios».

No dia 13 de Março de 1896, Lisboa sentia o alvorôço dos grandes momentos. Esperava a chegada do transporte «Africa» que trazia a bordo parte da gloriosa expedição militar a Lourenço Marques e Inhambane, e os prisioneiros de guerra, entre os quais o famoso régulo que infundira terror a muitos impérios.

Os jornais dêsse tempo não se cansavam de afirmar que «a campanha portuguesa de Moçambique, rematada brilhantemente pelo aprisionamento do terrível chefe dos vátuas, graças ao denodo e à intrepidez de quarenta e tantos bravos comandados por Mousinho, parecia tornar-se mais notável ainda em confronto com os revezes sofridos nas guerras coloniais por outros povos europeus».

Há nisto uma alusão delicada e discreta à Itália.

Já lá vão quarenta anos...

No forte de Monsanto estavam preparados os aposentos para o Gungunhana e sua comitiva. Eis como um repórter relatava o que a muito custo conseguira vêr, visto ser expressamente proïbida a entrada naqueles lugares:

«O reduto circular da Monsanto, que com os redutos de Montes Claros, do Alto do Duque e o forte do Bom Sucesso, completa a linha de defeza mais próxima da capital, assentando sôbre o cabeço de Mouro, na Serra de Monsanto, sôbre a povoação de Bemfica, tem uma área de mais de vinte metros de raio. E' formado de três andares, com igual número de baterias, que se comunicam entre si por uma escada de hélice, ao centro, tendo em redor um fôsso de 6 metros de profundidade.

«O reduto comunica com a contra-escarpa do forte por baixo do fôsso, por uma galeria subterrânea, na direcção de um dos diâmetros da obra. O fôsso tem mais de 10 metros de largura, fazendo-se a comunicação entre o reduto e o campo por uma ponte levadiça que se levanta sôbre cordas e que corre no sentido da porta principal do edifício.

«Entrando o forte, à porta do qual uma sentinela de baioneta armada impede a entrada a qualquer pessoa, desce-se ao segundo pavimento e, passando pela galeria subterrânea, vai ter se directamente às casas matas que hão de ser ocupadas pelos prisioneiros de guerra, sob a contra-escarpa e que já tinham servido de cárcere aos vencidos da revolta de 31 de Janeiro no Porto.

«Estão fechadas por um valente portão de ferro e são seis, a seguir, correndo ao longo da abóbada da contra-escarpa. Comunicam por meio de arcos de alvenaria e terão uns cinco metros de comprimento, no sentido da contra-escarpa, por três de largo. Foram convenientemente caiadas, sendo o chão coberto de asfalto e terminando por uma porta de ferro, da grossura da primeira, junto às quais serão postadas duas sentinelas.

«Na primeira das casas matas, que, como tôdas as outras, recebe a luz por três frestas que dão para o fôsso, sendo convenientemente ventiladas por chaminés que se elevam no revestimento de terra e fachina, vêem-se cinco camas das que são usadas nas casernas dos regimentos. São de ferro, com lençois e mantas, tendo junto delas quatro cadeiras ordinárias de palhinha, uma bilha de água e uma pia para esgotos. Cada uma das casas matas tem um candieiro de petróleo.

«A segunda comporta mais três camas e a terceira quatro, com quatro cadeiras cada uma e algumas bilhas com água.

«As três restantes não têem mobília alguma, sendo reservadas para passeios dos prisioneiros. Têem metro e meio de altura e são arejadas e bem fornecidas de luz».

Estava, portanto, tudo a postos para receber o régulo com tôdas as honras inerentes à sua categoria.

Os prisioneiros teriam duas refeições por dia, sendo a comida confeccionada num barracão em frente do forte para onde foi transportado um enorme fogão de ferro com dimensões suficientes para assar um boi.

O Gungunhana e os seus vassalos não haviam de ter razão de queixa. Durante o dia, poderiam passear duas horas no terraço que encima o reduto central, a fim de contemplarem o sol que lhes doirara uma existência selvagem, mas muito mais feliz.

Já lá vão quarenta anos...

Por uma curiosa coincidência, enquanto nós festejamos com a maior solenidade o «Dia de Mousinho», a Itália obstina-se, como por ocasião da prisão do Gungunhana, em fazer a guerra na Etiópia!...

O sonho de Mussolini!

Nesses tempos gloriosos, em que ainda era possível sonhar, Portugal, armado do seu valor e da sua fé, foi «por mares nunca dantes navegados» à descoberta de novos mundos, e por tôda a parte implantou a bandeira das quinas, conquistando o senhorio da Africa, da Asia e de uma parte da América e da Oceania.

Tempos gloriosos êsses!...

Quando os portugueses penetraram na Abissínia, em vez de lhes fazer guerra, o Preste João recebeu-os como príncipes, e manifestou o mais ardente desejo de estreitar com Portugal a mais sincera amizade!

Mais tarde, quando o terrível senhor das regiões de Gaza tentou sublevar se contra a soberania portuguesa, Mousinho foi ali mostrar, mais uma vez, o prodigioso poder da bandeira das quinas.

Quanto mais vivemos, mais se avoluma a grandeza homérica do nosso passado!

O Gungunhana ladeado por duas das suas sete mulheres

No aniversário da batalha de Chaimite

As homenagens à memória do glorioso militar Mousinho de Albuquerque

Em cima: *As tropas que desfilaram no local da cerimonia e a lápida na casa da rua Sara de Matos, 64, no momento de ser descerrada.* **A' esquerda:** *O cabo de artilharia Manuel Bento, que combateu em Africa ao lado de Mousinho na gloriosa proeza.* **A' direita:** *O sr. general Vieira da Rocha lendo o seu notavel discurso.* **Em baixo:** *Reconstituição do gabinete de trabalho de Mousinho na Agência Geral das Colonias*

Por iniciativa da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, foram prestadas diversas homenagens à memória do Mousinho de Albuquerque, aproveitando a passagem de mais um aniversário sôbre o histórico feito de Chaimite.

Na casa da Rua Sara de Matos, 74, onde o herói viveu foi descerrada uma singela lápida onde se lê:

«Nesta casa viveu Joaquim Augusto Mousinho de Albuquerque, glorioso oficial de Cavalaria, herói de Chaimite, uma das mais brilhantes figuras militares portuguesas e, um dos mais notáveis administradores coloniais. – 1855-1902. – A Comissão Administrativa do Município de Lisboa – 1935».

A cerimónia a que se associou muito público teve a assistência dos srs. ministros da Guerra, Colónias e Marinha, além de outras altas individualidades. O sr. general Daniel de Sousa, como presidente da Câmara Municipal de Lisboa, proferiu um curto discurso. Usou depois da palavra o sr. general Vieira da Rocha que enalteceu, num brilhante discurso, a alta figura de militar e colonialista de Mousinho de Albuquerque.

Por fim, o cabo artilheiro Manuel Bento, companheiro de luta do Mousinho procedeu ao descerramento da lápida, perante a qual desfilaram as tropas.

No dia 8 realizou-se na Sala «Portugal» da Sociedade de Geografia uma sessão solene.

Os efeitos dos ultimos temporais em Lisboa

Ao alto: *O automovel colhido pela derrocada da frontaria dum prédio e os bombeiros abrindo sargetas no Campo Grande.* **Por baixo:** *Um grupo das vitimas das enxurradas no Campo Grande e a remoção do lodo carreado pelas enxurradas.* **A' direita:** *Gente humilde junto dos seus haveres que a água danificou*

Os grandes temporais que tem ultimamente assolado tôda a Europa tiveram em Lisboa, na madrugada de 7 do corrente, um desfecho imprevisto com súbitas inundações que causaram avultados prejuízos e puseram em perigo algumas vidas. Os efeitos dessas inundações fizeram-se sentir principalmente no Campo Grande e no lugar da Venda Nova, entre Benfica e Amadora. Num e noutro ponto várias habitações foram invadidas pelas águas que não tinham fácil escoamento e os bombeiros tiveram de trabalhar árduamente para evitar que o desastre assumisse maiores proporções. Rebentaram-se sargetas e no muro da quinta do Chora, à Venda Nova, fizeram-se três grandes buracos que impediram o alagamento de todo aquele aglomerado de habitações. O temporal fez sentir ainda os seus efeitos noutros pontos da cidade. Na rua dr. Alvaro de Castro, ao Rêgo, desabou a frontaria dum prédio e os escombros colheram um automóvel. O veículo ficou destruído e o «chauffeur» sofreu diversos ferimentos. Um bloco de pedra foi ainda atingir dentro de casa a cunhada do «chauffeur».

No pátio da Quintinha, ao Beato, desabou uma casa, ficando a família que nêle habitava sem abrigo e na mais completa miséria. O sinistro só por um feliz acaso não causou várias vítimas. Um pobre velhote de 75 anos, paralítico, encontrava-se dentro da casa e escapou a custo de ficar esmagado. Os restantes moradores tiveram tempo de sair logo que ouviram o estrondo da derrocada.

A NEVE NO JAPÃO

Uma rua nipónica emoldurada de neve

As deliciosas païsagens japonesas, que estamos habituados a vêr em milhares de fotografias coloridas, imponentes nos seus vastos renques de amendoeiras em flôr, sofrem também as inclemências do inverno que as cobre totalmente com uma ampla e espessa túnica de neve.

Dizer que os temporais são bem mais rigorosos no Japão do que no mundo que conhecemos melhor, é causar assombro a muita gente que julga ser a païsagem nipónica cheia de sol, ingenuidade e encanto tal como a vê retratada nos mais ridentes dias de Primavera, através do *écran* dos cinemas.

E' que os occidentais, na sua maior parte, dão fé de certas paragens maravilhosas pelos relatos entusiastas de alguns nipófilos que, deslumbrados, ou pelos raios rosados do Sol Nascente, ou pela graça das pequeninas mulheres que sabem sorrir, nos contam lindas histórias de princesas encantadas por entre florestas cerradas de amendoeiras e crisântemos.

Ainda assim, devemos dar crédito a Wenceslau de Morais que nos diz:

"Pleno janeiro. Frígido, desolador, mesmo aqui, onde o clima tem fama de benigno. Pela manhã, horisontes usualmente pardacentos, afogando os contornos distantes das casas e dos montes; um estendal de geada sôbre os campos; o chão das ruas duro como pedra: por vezes, cai a neve, o vento quando sopra, corta como navalhas. Nos jardins, nos pátios, a água dos baldes, dos tanques, das valetas, está gelada; a roupa, pendente de bambús a enxugar, encontra-se rígida como lascas de granito.

"O quadro, embora sugestivo, é triste e dá tristeza. No entretanto, de ordinário, pelo meio dia, ou mesmo antes, rompe o sol luminoso, aquece a terra, e temos um dia primaveril, um dia de maio — sem fôlhas nem frutos nas árvores — durante quatro ou cinco horas. E' nisto que consiste a benignidade — e não é pouco — do clima de Tokushima e de uma grande parte do Japão. Os longos invernos da Europa, tenebrosos, sem sol durante muitos dias, com chuvas torrenciais durante muitos dias não chegam até cá."

Como vêem é ainda o entusiasta nipónico que fala. No entanto, a sua sinceridade de luso revolta-se, e afirma pouco depois:

"Devo fazer uma correcção.

"Falei da colina abrupta, sempre verde... Nem sempre. Quando hoje (3 de Fevereiro) abri o *mado*, não era verde a colina abrupta. Nevara durante a noite. Áquela hora matinal, os pinheiros destacavam-se como grandes manchas negras salpicadas de branco. Estas manchas, de mistura com os tons amarelentos das calvas da serra, com a côr ruiva da folhagem sêca dos carvalhos e com as alvas chapadas de neve, davam vulto a uma coisa extraordinária, indescritível, lembrando o dorso fulvo de um tigre, mas de um enorme tigre de muitas centenas de metros de comprido, deitado no chão, descansando a focinheira sôbre as patas, que se estendiam até ao pé da minha porta. Era magnífico o espectáculo!...

"No meu jardim, cada vaso parecia uma complicada peça de confeitaria, fabricada para presente de noivado, tôda envolvida em açúcar, e com um raminho verde ao centro, como enfeite... E vai o sol, pelas sete horas, rompe flamante, e derrete tôda aquela graça!..."

E as inundações?

E' ainda Wenceslau de Morais que nos diz:

"As inundações contam também como uma especialidade — nefasta especialidade — em Tokushima e seus subúrbios.

"Má drenagem; de modo que, durante o verão, na quadra das grandes chuvas, fàcilmente as águas que escorrem das montanhas e as que trasbordam dos rios e dos canais se acumulam, invadindo a cidade e os lugares próximos, arruinando casas, destruindo culturas, vitimando existências. Sucede isto, geralmente, uma ou duas vezes em cada ano.

"Há poucos meses visitei uma família de pobres lavradores, na aldeia de Yoshinari, perto de Tokushima. No aposento onde me receberam — o melhor — notei eu logo vestígios de inundação, que subira mais de um metro acima do sobrado. Foi-me dito que ali, durante a inundação do ano passado, fôra recolhido o cavalo com o pescoço amarrado para o tecto, para não se afogar; e assim escapou. A família inteiro subiu ao andar de cima, onde se conservou por três dias sucessivos, e donde observou a casa do vizinho, meia submersa como a sua, gingando à mercê dos ímpetos da torrente; até que desabou, perecendo afogados os pobres habitantes.

"Nem tudo são rosas, no Japão."

Nessas passagens de sonho a neve cai pesadamente, embora os crisântemos e as ameixoeiras teimem em florir em tal época.

Pois a neve, que constitui uma verdadeira calamidade para o povo nipónico, não deixa de entrar no rol das coisas agradáveis. Tanto é assim que há mulheres, com os nomes de *Yuki-San*, ou *Ó Yuki-San*, que querem dizer "Senhora Neve" ou mais gentilmente "Nobre Senhora Neve".

Estrada bloqueada pela neve

QUEM FO O LADRÃO?

Um audacioso roub na Serra da Estrêla

Vai entrar em cên um famoso detective

NUM dos últimos dias de Dezembro, o chefe da C. G. de D. da Covilhã pediu ligação telefónica com a séde em Lisboa, a-fim-de informar ter sido depositada naquela filial a quantia de 50 mil libras, a praso de noventa dias.

— O depósito — elucidava o chefe — foi feito por uma companhia inglesa, e parece-me que é destinado à compra de terrenos. Um tal interêsse leva-me a crêr que se trata de pesquisar jazigos minerais...

— Isso é o que menos nos importa. O essencial é o depósito.

— Justamente para garantir a segurança de tão importante quantia, é que me apressei a telefonar. Esta filial, como V. Ex.ª sabe, não tem as condições necessárias para guardar uma tal importância. Que devo fazer?

— Vou providenciar imediatamente.

Pouco depois, o chefe da filial recebeu ordem de enviar para Vizeu a quantia depositada. O transporte deveria ser feito em automóvel, e a sua guarda confiada a dois agentes de polícia.

Uma hora depois, saía da Covilhã um carro de praça, conduzindo os dois agentes com o dinheiro.

A's 15,30 passavam em Manteigas, sôb um grande nevão. Começaram ali a subida. A' medida que o automóvel avançava, mais se elevava a neve na estrada.

Em dado momento, o «chauffeur» resmungou:

— Parece-me que não é hoje que atravessamos a serra.

— Essa agora! E porquê?

— Porque lá para cima deve haver neve da altura de um homem. E, assim, o carro não poderá passar. Se chegarmos ao hotelinho da C. de T., poderemos dar-nos por felizes...

— Diabo! isso é que não estava previsto no nosso programa. Não me agrada nada ter de pernoitar em semelhantes sítios...

— Deixa lá, homem — disse o outro agente — se o carro não pudér passar, não havemos de ficar no meio da serra à espera que a neve derrêta. Iremos para o hotel, porque não?

A' medida que o automóvel seguia, mais se avolumava a razão do «chauffeur». A neve caía cada vez com maior intensidade, e o carro tinha já certa dificuldade em subir. Mais de uma vez as rodas patinaram, descrevendo perigosos ziguezagues.

Começava a escurecer, quando, numa das curvas, se avistou o hotel.

Um quarto de hora depois, os agentes e o

Campo romano na Serra da Estrêla

«chauffeur» aquèciam-se a um bom lume no fogão da sala de entrada que era, ao mesmo tempo, sala de jantar. O carro havia recolhido à garage.

Quando o gerente do hotel avançou solícito a receber ordens, um dos agentes recomendou-lhe que désse de jantar imediatamente ao «chauffeur», e lhe indicasse o quarto que lhe destinara. O pobre rapaz estava morto de fadiga e carecia de repouso. Quanto a êles, esperariam pela hora habitual do jantar.

Havia mais quatro hospedes: dois ingleses e um belga que tinham chegado de Lisboa, na intenção de passar um dia na serra, e um caixeiro viajante que, por motivo do nevão, não pudera seguir para Gouveia.

Quando os agentes entraram, estavam todos reünidos na sala de jantar. A breve trecho, conversavam todos em grande intimidade, tanto mais que os ingleses e o belga falavam perfeitamente o português, em virtude da sua longa permanência em Lisboa.

Falou-se um pouco de tudo, até que o hoteleiro veio dizer que ia ser servido o jantar.

Momentos depois, a sopa fumegava nos pratos. Comeu-se bem e bebeu-se melhor. A conversa animava-se cada vez mais. O caixeiro viajante contou anecdotas chistosas, de que tinha abundante repertório, e que, dispuzeram ainda melhor os convivas. Por fim, entraram no capítulo das adivinhas. Cada um que mostrasse a sua perspicácia.

— Qual é o nome de homem que constitui a maior aspiração humana? — preguntava o caixeiro viajante.

Os outros matutavam, matutavam.

— Sei lá... deixa vêr... nome de homem... nome de homem... não atino...

— Pois é facil! Qualquer de nós desejaria enriquecer (*Henrique ser*) não é verdade?

Um dos agentes, que já estava um pouco animado pelo alcool, quis dar provas da sua agudeza, propondo a seguinte adivinha:

— Qual é o hotel de Portugal que tem hoje mais dinheiro?

Foram citados os principais hoteis portugueses, respondendo o agente a todos com uma negativa.

— Isso não é adivinha nem é nada — remocou o caixeiro viajante — ora vá uma pessoa sondar qual é o hotel que tem hoje mais dinheiro! Ninguém seria capaz de o saber ao certo.

— Pois sei-o eu!

— Qual é?

— Este em que estamos — respondeu o agente, piscando o ôlho ao colega que, apercebendo-se da sua imprudência, lhe aplicou uma forte canelada por debaixo da mesa. Era já tarde para recuar. Os fumos do alcool atiçavam o amor próprio do agente.

— E' êste em que estamos porque tem hoje cinco mil contos debaixo das suas telhas.

— Essa agora! — murmurou o hoteleiro assombrado — onde é que está êsse dinheiro?

— Aqui nesta pasta...

E o imprudente guarda explicou ingenuamente a sua missão.

Pouco depois, tendo a conversa tomado novos rumos sem interêsse de maior, o belga propôs um jôgo de cartas. Como todos concordassem, subiu ao seu quarto a buscar um baralho que nunca o abandonava. Decorridos dez minutos, voltou com as cartas, instalando-se todos em volta da mesa, a jogar.

— Nestas noites de neve, compridas como eternidades — disse filosoficamente um dos ingleses — não há nada como um bom lume e uma partida de «bridge».

— E então uma noite como esta!

— Ainda neva?

— Vou vêr — disse o belga levantando-se.

E, abrindo a porta da rua, saíu. Instantes depois, voltou, dizendo que já nevava menos e que o vento tinha mudado, o que parecia indicar um próximo bom dia. No entanto, a estrada continuava coberta por um espesso lençol de neve.

O jôgo continuou. Cêrca da 1 hora da madrugada, resolveram todos ir deitar-se.

O gerente do hotel informou que todos os criados dormiam nas águas furtadas, assim como o «chauffeur». O agente pediu-lhe que os prevenisse de que ficavam proïbidos de saír dos seus quartos, fôsse qual fôsse o motivo. Fez idêntica prevenção ao belga, aos dois ingleses, ao caixeiro viajante e ao próprio hoteleiro, que se instalariam nos seus quartos no primeiro andar.

— Mas se chegar algum novo hóspede? — preguntou o hoteleiro.

— Não é provável. Mas se viér alguem, eu mesmo o atenderei. Eu e o meu colega ficaremos nesta sala. Enquanto um dormir, ali naquele cubículo, o outro estará de guarda. Fica assim combinado, não é verdade? Muito boa noite a todos!

A disposição do r/c. era a seguinte: A' esquerda, entrando, da porta da rua, ficava um cubículo sem outra comunicação que aquela que dava para a sala. Frente à porta da rua estava a escada que levava aos outros andares, e era a única. A' direita da escada havia uma pequena despença sem mais comunição que a que dava para a sala. Esta comunicação estava tapada por um reposteiro. Ao lado direito abria-se uma porta que dava para a cosinha, também tapada por um reposteiro, que não estava corrido. Entre esta e a porta da rua havia uma janela gradeada.

A disposição do primeiro andar era a seguinte: O quarto que ficava sôbre a cosinha, ocupáva-o o caixeiro. A seguir ficavam os quartos dos ingleses e por último o do belga. Todos êles davam para a estrada. Nos que davam para as trazeiras dormia o gerente num deles, e os outros estavam desocupados.

Logo que todos os hospedes, gerente e criados recolheram aos seus quartos, os agentes assentaram no seguinte: até às 4 horas ficaria um de guarda. Daí em diante seria rendido pelo outro.

O agente a quem coube o primeiro turno, e antes de o outro se deitar, passou uma minuciosa revista à sala. Começou por verificar se a porta da rua estava bem fechada. Para mais segurança, correu o ferrôlho. Pela janela gradeada era impossível a passagem de qualquer pessoa. Ainda assim, fechou as portas de madeira.

A porta que dava para a cosinha estava fechada à chave, e a chave na fechadura do lado da sala. Impossível abri-la do lado da cosinha. Os aparadores eram abertos. Revistou a pequena despença. Nada. Debaixo das mesas impossível esconder-se alguem. Tudo isto verificado, um dos agentes foi deitar-se, e o outro sentou-se ao fogão, cujo lume espertou com um bom braçado de lenha, disposto a deixar correr as horas. Verificou também se a pistola estava pronta a dar fogo.

Cêrca das duas horas e meia, ouviu bater à porta da rua. Quem poderia ser? Um hospede? Entretanto, o outo agente ressovava como um bemaventurado. Como o guarda não manifestasse grande vontade de ir abrir a porta, novas pancadas se ouviram.

— Esta só pelo diabo! — resmungou o agente — bem, não há remédio senão atender o importuno. Ah! mas não lhe abro a porta. Dessa o livro eu!

E, encaminhando-se para a porta, preguntou:

— Quem é?

Como não obtivesse resposta, voltou a preguntar já irritado:

— Quem diabo está aí?

Como também desta vez ficasse sem resposta, abriu o postigo e espreitou. Não havia ninguem! Reparou, no entanto, que já não nevava, e que fazia um lindo luar. Fechou novamente o postigo com o ferrôlho e voltou para o fogão.

— Esta agora! — grunhia êle — quem diabo terá batido à porta?

E, dirigindo-se para o cubículo, abanou o colega que continuava a dormir profundamente.

— Eh! João! temos de estar alérta. Anda o diabo a rondar-nos.

— Heim! que dizes tu? — titubiou o outro esfregando os olhos — aconteceu alguma coisa?

— Sei lá o que aconteceu!

E o aflito guarda contou o que se tinha passado e que não sabia explicar.

— Fizéste mal em dizer o que traziamos comnôsco — disse o outro refeito já do assombro — enfim, temos de tomar tôdas as precauções. Como já dormi, vem tu agora descansar. Estarei mais apto para o que dér e viér.

Assim se fez.

Seriam 5 horas da manhã, o agente que descansava foi acordado pelo colega.

— Estamos desgraçados! O dinheiro desapareceu!

— O quê?!

E' como te digo. Meia hora depois de te substituír, apanhei tão violenta pancada na nuca, que me fez perder os sentidos. Só agora é que vim a mim. Posso, no entanto, jurar que não me deixei adormecer, e que pela escada não desceu ninguém. Se pela porta e pela janela não podia entrar fôsse quem fôsse, quem me agrediu e levou o dinheiro?

— Só o diabo.

— Tu acreditas no diabo?

— Sei lá! Tem-se visto tantas coisas!

Esperaram que amanhecêsse para proceder a pesquisas. Em volta do hotel não havia o mais ligeiro sinal de pègadas na neve. Subiram ao primeiro andar, e acordaram todos os hospedes que declararam nada ter ouvido. Nem admirava, pois tinham fechado as próprias portas de madeira das janelas. Além disso, depois das recomendações do agente, quem se atreveria a desobedecer?

Os agentes abriram as janelas de todos os quartos e verificaram que a neve caída nos parapeitos estava intacta. O telhado ainda coberto de neve não apresentava qualquer indício de pègadas.

Quem teria praticado o roubo, e como?

Eis o que um famoso detective, cujo nome não podemos ainda revelar, procura descobrir, com a plena certeza de que, no próximo número da *Ilustração*, dará aos nossos leitores a solução dêste enigma.

YYY.

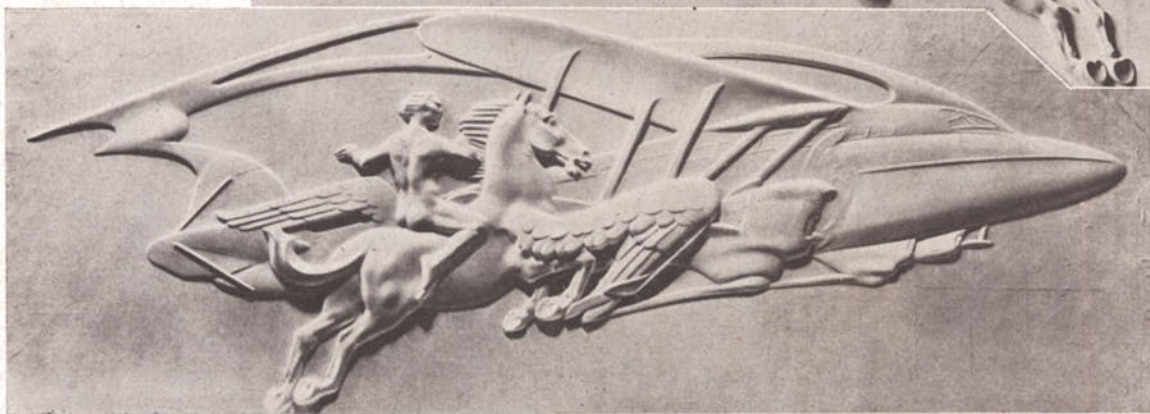
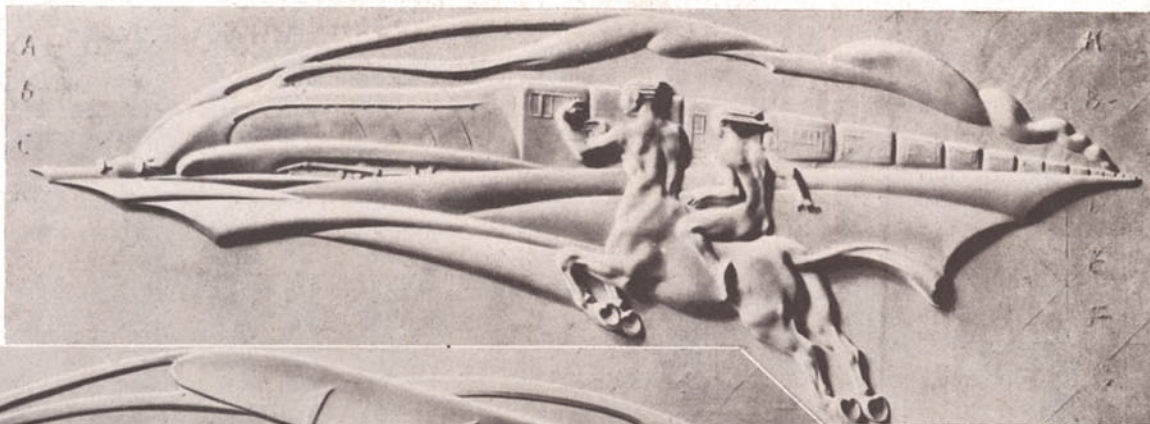
Um curioso aspecto da Vila Alzira, na Serra da Estrêla

Baixos-relêvos fotográficos

ESTAS três fotografias representam outras tantas atitudes de Eleanor Powell, que é considerada uma das primeiras artistas do seu género no mundo. Vemo-la aqui numa das suas últimas criações, "O rítmo de Broadway" que apresenta no filme da "Metro" intitulado "Broadway Melody of 1936" espécie de revista cinematográfica de grande espectáculo. Á primeira vista as gravuras parecem reproduções dum baixo-relêvo.

Na realidade trata-se porém dum inocente *truc* fotográfico que qualquer amador pode tentar com êxito. O segrêdo consiste apenas no seguinte: da chapa negativa faz-se outra positiva; sobrepõem-se depois as duas, deixando um pequeno desvio — que dá a orla negra sôbre um dos lados da figura — e imprimem-se sôbre o mesmo papel. O resultado, conforme se pode verificar na gravura, não é isento duma certa originalidade. Com um bocado de aplicação e multiplicando as tentativas podem obter-se efeitos imprevistos segundo a natureza da imagem escolhida. Tais trabalhos constituirão um verdadeiro enigma para todos que não estejam iniciados nêste pequeno segrêdo que, como se vê, não oferece grandes dificuldades.

Uma combinação harmoniosa da lenda e da mecânica

Os dois "panneaux" que aqui reproduzimos destinam-se à decoração interior do luxuoso paquete "Queen Mary" que se encontra em construcção em Inglaterra e que disputará com o "Normandie" o título de "maior navio do Mundo". As duas notáveis obras de arte são da autoria do escultor Maurice Lambert. O de cima representa o transporte ferroviário e mostra o combóio aerodinâmico "Silver Jubibe", um dos mais velozes do Mundo, em plena marcha, ao passo que sôbre êle corre o "Centauro" que o simboliza. No de baixo vemos um dos grandes trimotores britânicos, o "Draco" singrando no espaço a par do lendário "Pegasus" que representa a vitória da aviação.

ANIMAIS ESTRANHOS

O misterioso «okapi»

que habita os mais íntimos recessos da floresta equatorial

Por estranho que pareça, até princípios dêste século a existência dum animal corpulento como o *okapi* permaneceu ignorada dos naturalistas. Habitante das mais profundas florestas da África nunca um homem civilizado conseguira antes de 1900 pôr-lhe a vista em cima. Foi por essa época que o explorador britânico, sir Harry Johnston empreendeu longas pesquisas que o levaram à descoberta do singular animal. E durante alguns anos ainda a sua existência foi posta em dúvida pelos homens de ciência.

Foi em 1919 que o primeiro *okapi* vivo foi trazido para a Europa. Instalado no Jardim Zoológico de Antuérpia sobreviveu apenas dois meses. Depois disso têm sido colhidos diversos exemplares, um dos quais deu entrada no ano findo no Parque da Aclimatação de Londres.

O *okapi* pertence à família das girafas. O corpo lembra o dum antílope e tem as patas listradas como a zebra. As orelhas enormes, de côr vermelha, franjadas de preto, dão-lhe um aspecto curioso à cabeça.

Uma das suas características é o asseio. O *okapi* que não teme nenhum inimigo, tem verdadeiro horror à lama, à chuva, a tudo que possa macular a sua bela pelagem. De tempos a tempos, lava-se minuciosamente com a sua extensa língua, que nos adultos chega a atingir 40 centímetros de comprimento. De madrugada, toma por vezes, o seu banho num dos riachos da floresta. Escolhe para isso um local onde a água seja límpida e o fundo sem lodo. Depois pasta tranquilamente pela floresta, comendo ervas e folhas que escolhe com grande cuidado.

A grande arma do *okapi* é a placa óssea que lhe reveste a parte dianteira do crânio. Duma robustez espantosa, o *okapi* não recua perante obstáculo algum. Avança de cabeça baixa derrubando tudo na sua passagem. Isso permite-lhe, apesar da sua corpulência, talhar caminho nos mais intrincados

A' direita: *O «okapi» que se encontra no Jardim Zoologico de Londres.* **Ao centro:** *A dura placa frontal dum macho adulto.* **Em baixo:** *O «okapi» de Londres colhendo os alimentos com a sua enorme lingua*

meandros da floresta virgem. O explorador Atilio Gatti, que durante cinco meses estudou os hábitos dêste singular animal, diz que uma pancada da sua placa frontal basta para estilhaçar um tronco da grossura da perna dum homem.

Poucos habitantes da floresta se atrevem a enfrentar êste animal, que há primeira vista se diria mal preparado para a luta feroz da selva. Só o búfalo ousa uma vez por outra atacá-lo. O leopardo prepara emboscadas aos *okapis* novos, mas abstem-se prodentemente de hostilizar os, adultos. Quanto ao elefante e outros animais mantêm com o *okapi* uma inteligente neutralidade.

A observação do *okapi* no seu próprio meio mostra que êle está maravilhosamente adaptado á vida nas florestas mais densas. A Natureza reuniu nêle todos os factores que lhe permitem sobreviver num meio cheio de lutas e ciladas. O seu pêlo fino e delicado, por exemplo, oculta uma pele de cêrca de sete milímetros de espessura, verdadeira couraça que lhe permite arrostar impunemente como os espinhos da vegetação através do qual abre caminho.

Os olhos do *okapi* são extremamente grandes e o seu campo de visão muito largo. Quando o animal está calmo os olhos têem um expressão risonha. Mas se se enfurece ou assusta, tomam uma aparência dura, glacial, que aterra os indígenas — os pigmeus africanos que habitam próximos dos recessos onde êle se acolhe.

Dominado pela cólera, o *okapi*, que noutras condições é sempre silencioso, emite então duas qualidades de sons: uma espécie de relincho ou um forte ranger de dentes.

Tudo quanto se sabe àcêrca do *okapi* é produto de verdadeiros actos de heroicidade dos exploradores que, durante longos meses e arrostando enormes perigos, percorreram as regiões mal conhecidas da floresta de Iturri, uma das mais impenetráveis do globo, verdadeiro «inferno verde» onde a Natureza conserva todos os seus direitos e a morte espreita a cada instante os que por ali se aventuram.

É lá que vive êste exemplar da fauna africana de que o Mundo civilizado ouviu falar pela primeira vez há trinta e poucos anos apenas.

NO PAÍS DOS FARAÓS

O doce olhar da mulher egípcia pode ser considerado o íman dos corações

Graça maternal

A minha recente passagem pelo Cairo deixou-me uma tão profunda impressão que dificilmente se me varrerá da memória. Quando desembarquei nessa encantadora cidade, estava em plena efervescência o movimento nacionalista que há dias se reacendeu, atiçado não sei por que misteriosas influências.

Sem dar por coisa alguma, fui ter como um sonâmbulo a uma grande praça, no centro da qual se levanta a estátua da Esfinge que simboliza a independência egípcia. Foi erigido êste monumento em recordação de Zagloul-Pachá que, um dia, tentara a redenção da pátria dos Faraós.

Foi ali, nessa vasta praça que eu despertei do meu alheamento, e comecei a interessar-me por tudo o que me rodeava.

Notei uma mistura do Oriente com o Ocidente, mas em côres agradáveis e harmónicas.

Junto de um autobus, um elegante automóvel pertencente a um diplomata, e, logo a seguir, um carrinho conduzido por um burro meditabundo e paciente. Além, uma mulher velada, segundo o antigo uso egípcio, e, logo depois, uma dama elegantemente vestida à ultima moda parisiense. Os turbantes dos peregrinos chegados de Meca destacavam-se com as suas fitas tão verdes como as suas esperanças. Os pachás e os beys, refastelados nas suas carruagens de quatro parelhas, passavam, olhando com desdem os humildes "fellahs" vestidos pobremente de "djellebiah".

E, no entanto, o grande caudilho da independência egípcia, o inolvidável Zagloul-Pachá, era descendente de "fellahs"!

A estátua da Esfinge ali estava a evocar-lhe a memória...

Um dia, à frente de milhões de compatriotas sedentos de emancipação, avançou com o ímpeto duma avalanche, através da Alexandria, do Cairo, de Tanta, de Zagazig, do país inteiro, a enfrentar os tanks e as metralhadoras dos ingleses.

Esta luta desigual terminou pela derrota do caudilho que, caíndo em poder do inimigo, foi removido para uma fortaleza de Malta. No entanto, a semente da rebelião que tão corajosamente espalhara, não tardou em dar os seus frutos. Ante a pressão da opinião egípcia, a Inglaterra viu-se forçada a libertar o heroi

Malícia provocadora

que voltou a lutar sem desfalecimentos. Foi assim que, em 1923, o Egipto obteve uma constituição democrática.

Após a morte de Zagloul, foi a viuva dêste, que auxiliada por Nahas-Pachá, continuou a obra do "leader" nacionalista.

O Egipto continuava a manifestar-se, embora menos violentamente. Segundo o calculo de Nahas-Pachá, a violência só por si não bastaria para a realização integral do programa de Zagloul. E, assim, foi urdida a boicotagem dos produtos britânicos.

Londres ripostou, como seria de calcular. A Câmara foi dissolvida e realizadas novas eleições. A recordação de Zagloul estava ainda muito viva na alma egípcia. O partido wafdista obteve a maioria, tornando-se, de novo, o senhor da situação.

A pouco e pouco, o Egipto foi conseguindo da Ingleterra as mais extraordinárias concessões que os ultra-nacionalistas consideravam ainda insuficientes.

Começou aqui o êrro grave dos egípcios que, tendo obtido regalias sôbre regalias da generosidade britânica, desejavam mais, muito mais, até os limites do absurdo.

Foi então que a unidade de votos dêsse povo se desmoronou por entre o sibilar de paixões mesquinhas. Nahas-Pachá retirou-se desiludido, e o seu partido seguiu para a oposição ruinosa. Foi nessa altura que surgiu um político da antiga escola, o severo Sidky-Pachá, e se apoderou das rédeas do govêrno, abolindo a Constituição. Ante a agitação latente provocada por esta mão de ferro, Londres modificou as suas baterias, e deixou tombar o ditador. Nazim-Pachá, tomando o poder, prometeu restabelecer a Constituição de 1923.

E assim tem decorrido a vida egípcia...

Tudo isto passou pela minha mente, fitando a esfinge misteriosa que nos recorda a memória de Zagloul-Pachá.

Ah! mas as formosas mulheres egípcias que a todo o momento deparamos são bem mais eloqüentes do que o complicado símbolo do antigo império faraónico!

Mistério perturbador

No seu rosto semi-encoberto por um veu gracioso, falam uns olhos tentadores e irresistíveis...

Não censurem a fraqueza de Júlio César ou de Marco António ante a sedutora Cleópatra. Qualquer de nós, revestidos de todos os poderes do mundo, teria feito o mesmo, ou talvez piór.

A mulher egípcia sabe atraír, sabe sorrir e sabe falar mesmo quando não compreenda a linguagem em que lhe falam. Tem os olhos que possuem a fôrça atractiva de ímans de corações, quer sorrindo maliciosamente, quer embriagando com uma doçura nostálgica, quer perscrutando o que se passa de sincero e puro no fundo das nossas almas.

Conheci no Cairo uma linda rapariga chamada Leila, que se dedicava a vender flores e várias bugigangas que os forasteiros gostam de adquirir como recordação. Conversei com ela algumas vezes, e concluí que não seria fácil encontrar na Europa uma vendedeira de flores com tão fina educação literária.

O véu traiçoeiro

Á despedida ofereceu-me um pequenino folheto de versos que eu não saberia ler nos seus caracteres hieroglíficos.

— É o "Livro das Mulheres" do nosso poeta Fazil-Bey. Diz muito mal de nós, mas nem por isso deixa de ser interessante.

— E como o poderei ler, se não compreendo a língua egípcia?

— É muito fácil — respondeu com a sua voz meiga como o ciciar da brisa — vou tentar interpretá-lo em francês.

E, ràpidamente, traduziu o conteúdo das oito páginas de texto.

— Tenha paciência — supliquei — um pouco mais devagar. Desejava anotar estas páginas com o que me diz.

A esfinge revelada

E, na própria mesa do café, comecei a taquigrafar o que ia ouvindo.

Escuta, ó novo José do Egipto dêste tempo,
tu queimas o coração da pobre Zuleikha.
Escuta...
Pois serás tão néscio que não compreendas
que a mulher egípcia é um vulcão,
cujo fogo ardente
nem tôda a água do Nilo seria capaz de extinguir?

Abandonei o Cairo sem ter compreendido bem o poeta do "Livro das Mulheres".

Li e reli os apontamentos tomados, e só então me compenetrei da triste figura do pobre José diante da mulher de Putifar.

Deixei à pobre Leila um vestido europeu que durante dias namorara na montra dum estabelecimento da Avenida Central.

Nostalgia suave

E se não deixei também a minha capa, tal como o outro parvalhão do tempo dos Faraós, é porque nunca usei semelhante peça de vestuário. Também, só por isso...

Hoje, que volta a falar-se no Egipto por motivo dos tumultos que os nacionalistas provocam, vem a propósito preguntar qual será o poder oculto que os atiça?

Alguns dos grandes jornais mundiais têm chegado a fazer crêr que a mão de Roma não deve ser extranha a esta agitação, visto pretender vingar-se da atitude britânica ante o conflito italo-etíope.

Por outro lado, esta hipótese perde consistência, se atendermos a que mais de cem mil italianos se encontram a residir no Egipto, e que a sua existência seria ameaçada, como a de todos os colonos estrangeiros, se o movimento xenófobo alastrasse até o triunfo. Em todo o caso, o govêrno de Roma vai opondo os desmentidos mais solenes.

Afirma-se que a sinceridade dos nacionalistas egipcios é incontestavel e que Nahas Pachá, legítimo sucessor do heroico pioneiro da liberdade egípcia, ao agitar as multidões, julga servir apenas a sua pátria, sem que do seu esfôrço resulte benefício para qualquer outra.

Afirma-se também que, um dia, o bravo agitador sentirá mais uma desilusão...

Será assim? Agora é que a pobre Leila, tão culta e tão inteligente, poderia informar-me.

E desta vez tê-la-ia compreendido melhor...

José de Sande.

O MOVIMENTO AUTONOMISTA
DAS PROVÍNCIAS DO NORTE DA CHINA

À margem do conflito italo-etíope, a política internacional acaba de ser agitada por outro incidente, que por ser mais longínquo não é menos grave — o movimento autonomista do Norte da China.

Cinco províncias chinesas — Sui Yuan, Tcha-Har, Chan-Si, Ho-Pei e Chan-Tung — manifestaram a intenção de se libertar da tutela do govêrno de Nanquim, estabelecendo-se em Estado Autónomo. Essas cinco províncias representam uma superfície de cêrca dum milhão de quilómetros quadrados, ou seja o equivalente à França e á Alemanha reunidas. A sua população é computada em 83 milhões de habitantes.

Por aqui se avalia, a importância dos interesses em jogo. E não é difícil de adivinhar que detrás dêste movimento, actua a mão forte e ambiciosa de Toquio.

A China, país vastíssimo com uma administração débil e insuficiente espírito nacional, têm sido, em todos os tempos, objecto de avidez por parte de outros povos. Actualmente três forças se encontram em presença e disputam a supremacia na influência sôbre o desmembrado Império Celeste. Dum lado, a Rússia, doutro o Japão e doutro ainda a Inglaterra. O mapa que abaixo publicamos indica os objectivo da expansão dessas três potências.

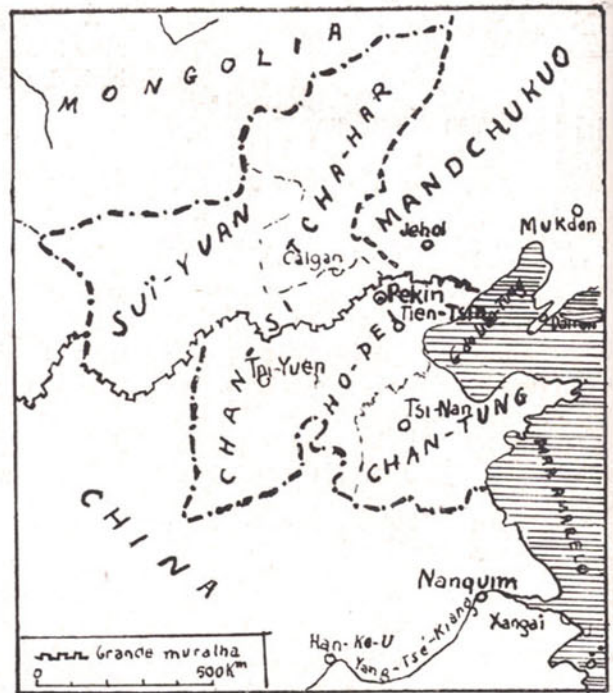
O movimento autonomista do Norte da China constitue mais um episódio emocionante no choque de interesses de duas dessas potências — o Japão e a Inglaterra. O seu alcance é enorme e pode significar a ruina, já ha tempo prevista, do projecto tendente a manter a China sob a tutela da raça branca, opondo assim uma barreira ás desmedidas ambições nipónicas.

O sistema monetário chinês baseia-se, como se sabe, na prata. Afim de favorecer a colocação dos seus produtos no mercado chinês, os Estados Unidos procederam a uma revalorização artificial dêste metal. O resultado foi desastroso para as finanças chinesas, porque a prata emigrou para aquele país, o que trouxe em conseqüência uma grave crise económica.

A Inglaterra enviou então ao Extremo Oriente um dos seus homens de confiança, o grande perito financeiro sir Frederik Leith Ross Sob o conselho dêste, o govêrno de Nanquim resolveu adoptar uma política corajosa: a substituição da prata por uma circulação fiduciária de papel-moeda. O dolar chinês foi desvalorizado em 20 % e a sua nova taxa ligada à libra esterlina.

A realização desta medida constituia uma das mais brilhantes vitórias do imperialismo britânico nos tempos modernos. Toda a economia chinesa ficava na dependência da Inglaterra e o Japão via seriamente dificultada a colocação dos seus produtos, pois deivava de beneficiar da diferença de valor do dolar chinês sôbre o yen.

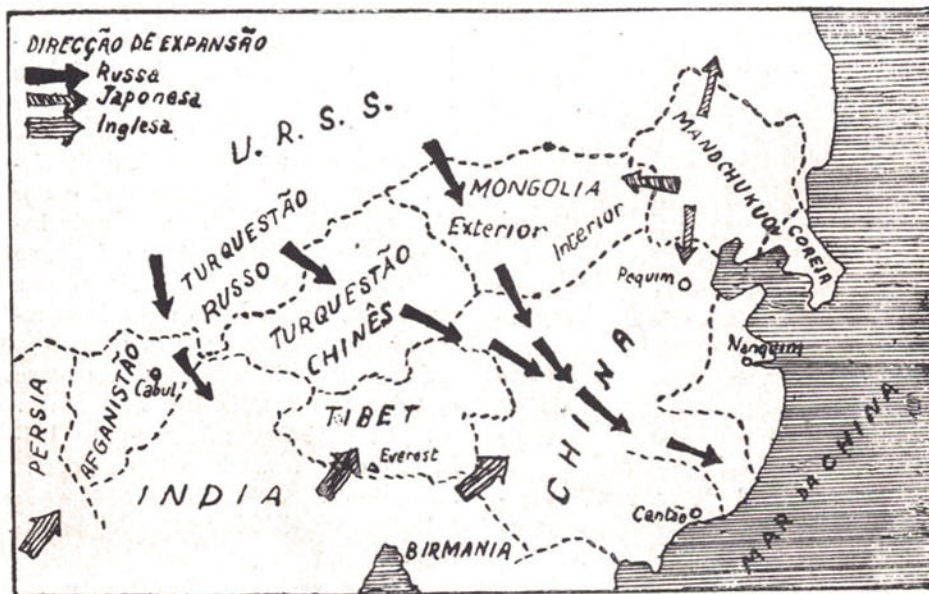
A influência nipónica estava, pois gravemente ameaçada. Mas as dificuldades da aplicação da nova política monetária iam fornecer ao govêrno de Toquio uma excelente ocasião para mudar o curso dos acontecimentos.

Efectivamente, a reforma da moeda provocava vivo descontentamento entre as populações, sobretudo nas províncias afastadas sôbre as quais a autoridade do Govêrno de Nanquim é mais teórica do que efectiva. Tornava-se obrigatória a entrega da prata em troca do papel-moeda cotado a uma taxa inferior à habitual. Os agentes japoneses exploraram hàbilmente êste sentimento e prepararam assim o movimento autonomista que devia amputar à China um porção considerável do seu território e colocá-la directamente sob a influência do Japão.

As cinco provincias onde se manifestou o movimento destinado a subtrai-las à autoridade do govêrno de Nanquim

A manobra provocou, logo que foi conhecida, grande comoção em todo o Mundo. A expansão nipónica prosseguia, portanto, no seu rítmo acelerado, a caminho dum domínio integral de tôda a Asia. Em 1931 fôra a criação do Mandchukuo, dois anos depois a anexação pura do Jehol ao novo Estado. Nessa altura foi assinado entre a China e o Japão um armistício que não impediu as tropas japonesas de se infiltrarem na província de Tcha-Har, sob pretexto de reprimir o banditismo. Com a criação do Estado autónomo do Norte da China reunindo as cinco províncias referidas, o imperialismo japonês dava outro passo de gigante, susceptível de causar sérias preocupações às grandes potências.

A efectivação do plano japonês revelou-se, porém, difícil. Entre os governadores das províncias surgiram rivalidades sôbre as vantagens que cada um deles devia auferir por motivo da autonomia. Não houve modo de fazê-los chegar a acôrdo.

Nesta emergência, o general Chang-Cai-Chek, que representa, de facto, o Governo chinês orientou-se para o caminho duma solução pacífica. Como verdadeiro oriental, procurou salvar, por uma diplomacia hábil, o que doutro modo perderia inevitàvelmente. O Govêrno nipónico, por seu lado, ao ver as dificuldades que o problema oferecia, deixou a responsabilidade da emprêsa aos seus chefes militares, e aceitou de boamente as negociações propostas por Chang-Cai-Chek. Essas negociações prosseguem actualmente. O Japão pretende uma descentralização administrativa das províncias do Norte, que aumentando a sua influência, não corresponde contudo à autonomia. E além d'isso o reconhecimento pelo Govêrno chinês do Estado da Mandchuria.

Com maior ou menor relutância, a China, cederá. E o Japão obterá assim uma grande vitória, que foi perdida pelo imperialismo britânico.

O poeta judeu Haim Nachman Bialik

A POESIA JUDAICA

QUANDO em Lisboa se recitava "A Judia", de Tomaz Ribeiro, evocando a triste sorte da "pátria da raça hebreia", da desditosa Sião, nascia numa pequena aldeia da Rússia o judeu Haim Nachman Bialik que veio a ser considerado por críticos imparciais e abalisados, um dos mais inspirados poetas israelitas.

E, enquanto o ilustre poeta dos "Sons que passam" lamentava a desventura dêsse "povo perseguido e nobre" sem, contudo, lhe deprimir as poderosas faculdades da sua "inabalável fé", Bialik entrava na vida como um indomável caudilho do sionismo, capaz de todos os sacrifícios.

Grande parte da sua vida passou-a na Palestina, e ali desenvolveu com rajadas de génio e perseverança o movimento a favor do regresso dos judeus à sua antiga pátria. Era seu reduto a cidade de Tel Aviv, fundada e habitada exclusivamente por israelitas, e ali publicou em língua hebraica a maior parte das suas poesias, tôdas inspiradas na história de Israel, e acariciadoras da sua esperança nos triunfos do sionismo.

O professor Dr. Adolfo Benarús, para nos dar uma ideia da grandeza dêste poeta, traduziu literalmente uma das suas poesias que vibra como um cântico de guerra, e patenteia bem nitidamente a "inabalável fé" dos judeus que há muitos séculos pretendem reconquistar a sua pátria, confiados na vinda dum novo Moisés que os conduza através do Mar Vermelho da sua desdita às abençoadas paragens da Terra da Promissão.

E êsse dia há de chegar, tudo levando a crêr que não vem longe. Desde há muito que a raça judaica domina o Mundo. Falta-lhe apenas efectuar a sua entrada triunfal nas terras de Judá.

Eis a tradução literal que o dr. Benarús nos oferece:

"... e vós, profeta, ide e fugi..."
(Amós, VII — 12)

«Ide, fugi.» ... mas se eu não sou dos que fogem.
A minha junta de bois ensinou-me a caminhar [lentamente;
A minha língua não se educou nas escolas da [retórica;
A minha palavra há de cair, como cai o machado [do lenhador;

E se baldados fôrem meus esfôrços, não será [minha a culpa.
Para vós o pecado; para vós a iniquidade;
O malho, ao descarregar, não encontrou a bigorna;
O machado acertou em velho tronco carcomido.

Qu'importa?... Irei do meu dia ao cabo;
E, quando malho e machado, prender à cinta,
Voltarei, silencioso, para donde vim;
Jornaleiro a quem não pagaram a jorna.

Voltarei para a casa do vale,
Para junto do lilaz e da rosa do valado;
E, quanto a vós... escória vil,
Amanhã vos levará o vendaval.

Traduzido assim, literalmente, temos a impressão de estar ouvindo a voz potente e indignada dos antigos profetas da Bíblia. O formidável poeta judeu, tendo lutado durante tôda a sua existência de sessenta e um anos, veio a falecer em Viena de Austria no dia 4 de Julho de 1934.

Sôbre a magnífica tradução do dr. Benarús, um outro escritor tentou a interpretação seguinte:

Ide, fugi! mas eu não sou dêsses [que fogem.
Minha junta de bois ensinou-me [o preceito
De andar em passo lento em [horas de pavor.
Minha língua não teve a escola [da rètórica,
Minha palavra cai, pesada, [inexorável
Como o machado cai das mãos [do lenhador.

E, se baldado fôr meu persistente [esfôrço,
Não será minha a culpa. Impuz [sempre a razão.
Se o malho, em seu cair, não [encontrar bigorna,
E o machado acertar em [carcomido tronco,
Que seja para vós pecado e [maldição!

Que importa? Quando eu fôr, [já do meu dia ao cabo,
Malho e machado atado à cinta [corredia,
Calado voltarei ao ponto donde vim,
Qual jornaleiro a quem não pagaram seu dia...

Voltarei para a casa ingénua da planície,
P'ra junto do lilaz e da rosa do val'...
E ai! de vós! ai! de vós! escória vil, daninha,
Amanhã, àmanhã ireis no vendaval!

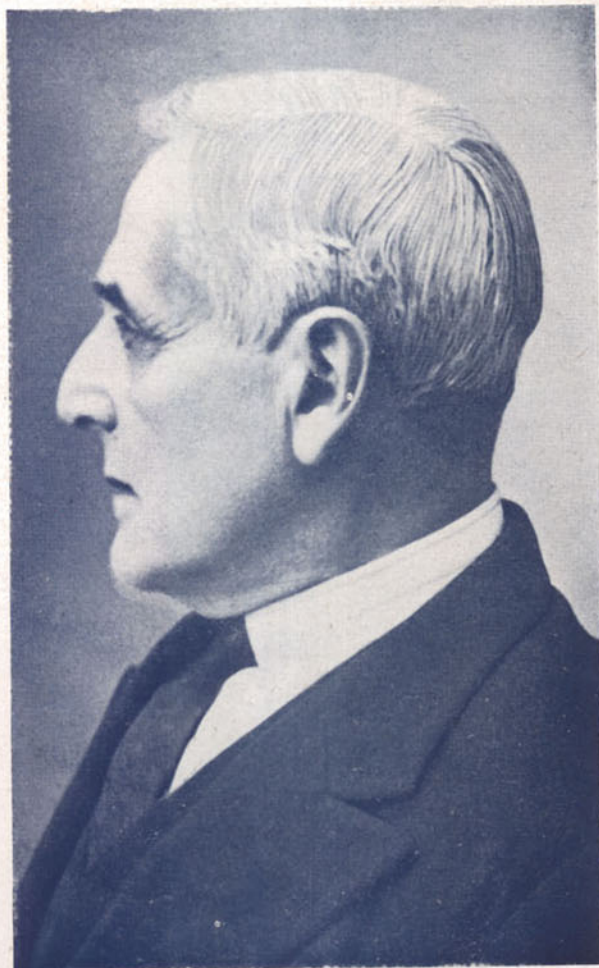
Assim falou o profeta e assim se cumprirá a sua profecia. A lenda de Asshaverus, engendrada sôbre uma falsidade, ruirá por si mesma.

Não foi baldado o esfôrço do infatigável pioneiro do sionismo. Já lá vai o tempo em que o crime de ser judeu era punido com as chamas dos autos de fé do Santo Ofício, sem o menor respeito pela nacionalidade de Jesus que era judeu de alma e coração. Não foi baldado o esfôrço, portanto...

O sionismo triunfou!

Nos grandes países que dominam hoje o Mundo são os judeus que dominam com a sua inteligência e com o seu dinheiro. Hoje em dia, devemos ter isto em consideração, se os judeus quizessem, abririam a bancarrôta universal.

Dr. Adolfo Benarús

31 de Janeiro de 1891

Já lá vai quási meio século, e parece que foi hontem!

A muito nobre, leal e invicta cidade do Porto decidira redimir a Pátria à custa do seu sangue generoso.

A multidão, indignada com o insulto do ultimatum inglês, ululava pelas ruas como fera à solta.

António José de Almeida, então estudante, publicava, na fôlha académica «O Ultimatum» o seu famoso artigo «Bragança, o último».

Criara-se ambiente. O abade Pais Pinto, emplintado nos seus tamancos sonoros, descia até ás margens do Douro, acompanhado pelos mais afoitos correligionários a combinar a conjura. João Chagas, o fogoso redactor principal de «A República Portuguesa» arremetia com tal ímpeto que, dias antes de eclodir o movimento, caira nas malhas da polícia. Ainda assim, não desanimara. Tão convencido estava do triunfo, que na própria madrugada de 31 de Janeiro escrevia o seu célebre editorial «Sentinela, alerta!» datada da Cadeia da Relação.

Todos estavam a postos. Após a arrancada do capitão Leitão e do sargento Abílio, o dr. Alves da Veiga escreveu febrilmente num velho envelope — não havia outro papel à mão — os nomes dos futuros ministros do Govêrno Provisório: José Ventura dos Santos Reis, médico; Licínio Pinto Leite, banqueiro; António Joaquim de Morais Caldas, lente; Rodrigues de Freitas; Joaquim Bernardo Soares, desembargador; José Maria Correia da Silva, general de divisão; Joaquim de Azevedo Albuquerque, lente da Academia, e Alves da Veiga.

Deu-se o trágico combate da rua de Santo António, e assim ruiu um lindo sonho.

O capitão Leitão, ao fazer o seu depoimento perante o Conselho de Guerra, não só patenteou a grandeza do seu caracter leal, como firmou uma página magnífica que sempre honrará o exército português.

«Eu ia apresentar-me ao Quartel General — afirmou o bravo oficial — não ia para um combate. A fôrça continuava a avançar a quatro passos, sendo a testa da coluna formada pela Guarda Fiscal. Deram-se alguns passos, quatro, talvez, e, de repente, a Guarda Fiscal recuou, recuando com ela tôda a coluna. A Guarda Municipal deu-nos então uma descarga, que eu não esperava, nem devia esperar.

«Eu não acuso ninguém. Num jornal apareceu referência a uma carta que eu dirigi a meu irmão, pedindo-lhe que olhasse por meus filhos. Nessa carta fazia eu alusão a um indivíduo, de quem, no entanto, não dizia o nome. A carta foi apreendida pelo comissário — o Adriano — o que levou o meu irmão quando me foi ver à Relação, a dizer-me que não tornasse a escrever coisas que me comprometessem, dizendo eu que não comprometia ninguém.

«Como disse, fui recebido com uma descarga, indo eu a quatro, facto êste que êles viram, embora tão infamemente o negassem. Eu não fiquei aterrado; eu não sou cobarde, não, não o sou. Da fôrça, uns cairam para a direita, estes no maior número, outros sôbre a esquerda. Eu entrei para uma casa, mas não tão depressa que uma bala, vinda de raspão, me não ferisse na cabeça; deixei, porém, correr o sangue, não me importando com a ferida.

«A primeira descarga não foi, portanto, feita com pontarias tão altas que as balas não ferissem logo... Pode ser que alguns soldados, mais conscienciosos, levantassem um pouco as armas.

«Não conseguira chegar ao local onde me dirigia e via uma grande desgraça! Eu entrei na tal casa em companhia de um corneteiro do meu regimento, outro da Guarda Fiscal e uma praça não sei de qual regimento. Mandei fazer toques repetidos de cessar fogo, mas não ouviram, continuando a fazer fogo contra nós.

«No entanto, eu não sei como êles estariam — se com muita valentia, se com mêdo. Eu estava de frente; êles achavam-se colocados por detrás das pedras, fazendo fogo de atiradores. Que valentes!

«Se eu adivinhasse que tratava com tal gente, teria procedido de outra fórma, e hoje não me alcunhariam de imbecil. Eu avançava com a maior serenidade, e nem mesmo me passava pela mente que ia para um ataque. Supunha-os plenamente seguros e, como já disse, tinha razões para isso.

«Se eu entendesse, se eu suspeitasse do que me esperava, eu não teria dúvida, não teria receio algum de os atacar. Não era a Guarda Municipal, de que poucas forças dispunha, pois não estava tôda reunida (e nem mesmo que o estivesse) que derrotaria as forças de que eu dispunha. Eu cercá-la-ia, e isso mesmo sem grandes planos estratégicos, e forçá-la-ia a render-se, sem mesmo disparar um tiro, e não se daria a grande desgraça que se deu.

«Eu envolveria a Guarda e ela não poderia resistir. Não lhe chamem, pois valentes, porque o não são. Estava espantado de um tal procedimento. «Eu não ia para isto» — disse na casa em que entrei. E esta é a verdade; e a prova é que, alguem que ouviu essa minha frase, já aqui a referiu. Não digo isto para declinar responsabilidades, porque não quero declina las».

Já lá vai quási meio século, mas a memória dêsses mártires mantem-se perene e cada vez mais viva.

E' que glorificando os vencidos de então, rendemos homenagem aos vencedores de 5 de Outubro de 1910. No seu sangue generoso fôram argamassados os alicerces de um ideal a que um outro ideal se opunha com firmeza e lealdade.

Fôram vencidos os revolucionários de 31 de Janeiro, mas o seu esfôrço germinou para dar fruto vinte anos depois.

Assim aconteceu com os grãos de trigo de Pompeia que, ao fim de cem anos, deram pão...

O trágico combate na rua de Santo Antonio

IMAGENS DO SECULO XXI

Acaba de ser adaptada ao cinema mais uma obra de H. G. Wells, o grande romancista de «O homem invisível» e «A guerra dos mundos». Intitula-se «Things to come» (Coisas futuras) e constitue uma audaciosa antecipação do que será a evolução da Humanidade nos próximos 120 anos. A imaginação do grande escritor inglês revela-se aqui com tôda a sua pujança. A' direita vemos dois exemplos da moda no ano de 2054, tal como a conceberam os realizadores do filme. E em cima, Frank Wells, filho do célebre romancista, trabalhando na construção das «maquette» empregadas no filme.

UMA OBRA DE SHAKESPEARE NO CINEMA

Max Reinhardt, o mestre do teatro, aceitou a proposta duma empresa norte-americana e foi a Hollywood dirigir a adaptação ao cinema do «Sonho duma noite de verão» de Shakespeare. A sua obra tem sido objecto das mais apaixonadas críticas. Enquanto uns exaltam a sua exuberante fantasia, outros apontam-lhe pormenores de mau gôsto. Em todo o caso, parece indiscutível que o filme de Reinhardt possua algumas qualidades surpreendentes. O texto de Shakespeare foi seguido tão de perto quanto possível e o ambiente mágico e irreal serve de pretexto a uma encenação sumptuosa. Vemos aqui, alguns dos interpretes: à esquerda Anita Louise, no medalhão Patsy Bedell e à direita a bailarina Nini Teilade. Ao centro, uma cena do filme.

A ETERNA BELEZA

A Vénus de Milo

terá nascido sem braços?

A Vénus de Milo

UM dia, preguntei a um ilustre escultor português que posição daria aos braços de Vénus de Milo, se fôsse obrigado a restaurar esta tão formosa quão famosa estátua.

— Não lhe tocaria sôb pena de ser considerado sacrílego.

— Mas se fôsse obrigado pela fôrça?

— Cortaria os meus braços antes de cometer tal vandalismo.

Acreditei na sua nobre sinceridade, tanto mais que assim deveria falar um verdadeiro artista. Qualquer santeiro provinciano não hesitaria em emendar o trabalho escultórico de um mestre genial, como aquêle do Porto que serrou a cabeça à magnífica imagem da Virgem da Victória, de Soares dos Reis, para lhe aparafusar um trambôlho que a estupidez dos mesários da confraria aconselhou, e a sua insuficiência de bonequeiro levou a cabo.

O mais extraordinário é que, como o santeiro portuense, apareceram já em vários países, alguns escultôres de certa nomeada que julgando-se inspirados pela chama de Fídias, levaram anos e anos a imaginar a melhor maneira de acabar de mutilar a Vénus de Milo.

O escultor inglês Westmacott decalcou uma Vénus com asas e braços que dava a impressão de uma *girl* de revista barata, unindo as mãos atraz da cabeça, num ar de coqueteria pífia.

Tarral poz-lhe na mão o pômo com que o imparcialíssimo Páris a dintinguiu como Miss Olimpo no primeiro concurso de beleza de que há memória.

E' também desta opinião o escritor Henri Rochefort que afirmou sempre com a maior convicção que a Vénus segurava uma maçã numa das mãos, sujeitando com a outra as roupagens.

E salientava categoricamente:

"Estou absolutamente convencido disto por uma tradição de família que ouvi nos meus tempos de criança. Sou parente do marquês de Rivière, que era embaixador da França em Constantinopla quando se efectuou a compra da Vénus, em que interveio directamente.

"E, não só documentos descobertos recentemente se apoiam esta mesma ideia, como testemunhas presenciais garantiram que a deusa aparecia com a maçã na mão, segurando a roupa com a outra."

Com efeito, a roupagem que envolve a parte inferior da estátua, não se seguraria por si, se não tivesse qualquer coisa a sustê-la.

Mas não pararam por aqui as hipóteses.

Valentim, inspirando-se na Suzana bíblica, apresentou-a de braços estendidos mais ou menos aflita por ter sido surpreendida no banho, mas sem aconchegar o trapo que mal lhe encobre parte da nudez.

Zur Strassen foi mais generoso: além de lhe restituir os braços, colocou-lhe ao lado um alentado Marte que parece não estar muito dispôsto a continuar a ser alvo das iras de Vulcano, legítimo marido da deusa. Por sua vez, a Vénus, segurando-o por um braço e por um ombro, dá impressão de lhe estar exigindo o reconhecimento de paternidade do menino Cupido.

O dr. Hasse, professor de anatomia da Universidade de Breslau, pôz-lhe uns braços que mal abarcam um espelho de bôa qualidade, talvez para rèclamo de qualquer fábrica de artigos de toucador.

Houve também quem visse nessa maravilha escultórica a figura da Victória, gravando a data da famosa batalha ganha pelos gregos aos persas, num escudo apoiado sôbre o joelho esquerdo. E por êste andar, não tardariam a quebrar-lhe a cabeça para se parecer ainda mais com a outra Victória da Samotrácia.

Felizmente, a Venus de Milo conseguiu salvar-se de tôdas estas investidas bárbaras, e tão sòmente porque o Museu do Louvre está mais bem guardado do que a nossa igreja da Victória, do Pôrto.

Mas, afinal, como é que o genial autor da maravilhosa estátua lhe dispoz os braços?

Sabe-se apenas que o marquês de Rivière, sendo embaixador da França em Constantinopla, fôra, um dia, farejar preciosidades artísticas na ilha de Milo, do arquipélago das Cicladas, pois lhe constara a descoberta dumas estátuas antigas.

Afirmam uns que, durante uma digressão pela montanha, fôra dar a um moinho abandonado, e que ali, entre troncos de madeira e palha apodrecida, encontrára a prodigiosa Vénus. Procurou o proprietário do moinho, um tal Georgio Bottonis, que sem a menor relutância lhe vendeu a deusa por uma quantia mesquinha.

Um prodígio de encarnação

Segundo outro relato, tendo o Bottonis descoberto a estátua numa espécie de gruta, fôra dar parte do achado ao pároco da freguesia. O consul da França, Mr. Brest, apercebendo-se do valor da estátua, comunicou o facto ao marquês de Rivière que foi imediatamente de Constantinopla a Milo, ultimar o negócio, dando pela Venus a quantia de 6.000 francos.

Passou-se isto no ano de 1820. No entanto, como constasse em Milo que um francês tinha comprado uma estátua e se preparava para a transportar ao cais de embarque, todo o povo da ilha se alvoroçou, tentando impedir essa transacção que, por instinto, reconhecia defraudar-lhe o seu já assásmente roubado património artístico. Mas, como nêsse tempo a Grecia estava na posse dos turcos, o marquês de Rivière, alegando a sua qualidade de embaixador da França em Constantinopla, pediu providências ás autoridades que contiveram a populaça durante o embarque da estátua. Ainda assim, alguns dos mais audaciosos conseguiram romper as linhas da tropa turca e atirar-se aos condutores da pobre Vénus que levou o resto do caminho a rolar pelo chão. Afirma-se que foi nessa altura que lhe mutilaram os braços e que êstes deveriam ter caído ao mar, mesmo na frente do cais de Milo.

Será assim?

Os jornais franceses publicaram nos últimos dias do ano de 1901 vários artigos sôbre o mistério do paradeiro dos braços da Vénus. A propósito, apareceu também uma carta do almirante Riveillière, na qual afirmava que Mr. Brest, antigo consul da França em Milo, ficara profundamente ressentido por não terem gravado o seu nome no pedestal da estátua, como lhe competia, pois tinha sido o verdadeiro organizador do negócio, e não o embaixador marquês de Rivière. "E tanto o molestou aquela omissão — referia o almirante — que, sendo como era um homem de caracter vingativo, se recusou a revelar o paradeiro dos braços de Vénus. Num dos seus momentos de maior irritação, chegou a declarar: "Sei onde estão enterrados, mas não o direi a ninguém!"

A beleza de todos os tempos

Daqui à verdade vai um abismo.

Mas há mais e melhor.

Há tempos, o dr. Eddé, de Paris, afirmou ao mundo que a Vénus de Milo nunca teve braços, talvez por ter falecido o seu misterioso autor antes de a ter terminado. Os seus contemporâneos, não ousando profanar a maravilhosa estátua incompleta, assim a veneraram até que os horrores da guerra lhe deram por abrigo o tal moinho abandonado ou a gruta subterrânea.

O dr. Eddé fortalece a sua hipótese com a descoberta de uma estatueta em bronze nas proximidades da Alexandria, e que é uma cópia da Vénus de Milo, apresentando também os braços mutilados. Procede esta estatueta, segundo os mais abalisados arqueólogos, do período alexandrino, que é precisamente o mesmo fixado para a Vénus do Louvre.

Se repararmos bem, o lado direito da estátua encontra-se terminado pelo seu autor, ao passo que o lado esquerdo se apresenta menos trabalhado nos panos, patenteando claramente que qualquer motivo imperioso impediu o seu acabamento.

Detalhe da Vénus de Milo

Pois deixem-na estar assim, tal como está, que continuará a atraír de todos os pontos do Universo os fervorosos peregrinos da Eterna Beleza.

Decorreram séculos sôbre séculos perante essa maravilha que a Ultima Moda não alcançou cuspir de ridículo, nem os sedentos crónicos de talento empurrar do seu pedestal com lufadas de modernismo sem pés nem cabeça. Artistas modernistas, que dizeis adorar o Belo, aparecei, que tereis o mais carinhoso acolhimento de tôdas as almas bem formadas.

Quando Cristo, no alto da montanha, proclamava "bemaventurados os pobres de espírito porque dêles é o reino dos céus", lembrava-se de vós, pobres arquitectos do Bairro das Minhocas da vossa inspiração!

Se qualquer pedreiro das montanhas bravias do norte se désse ao capricho de mutilar um pedregulho e dar-lhe a forma tôsca dum funil, por exemplo, e nos viesse impingir o abôrto como a beleza petrificada da Frineia que se desnudou diante dos severos juizes antes que êles a mandassem despir, o que deveriamos responder-lhe?

Por amor de Deus, deixem em paz a Vénus de Milo.

Gomes Monteiro.

A QUINZENA DESPORTIVA

Ladoumegue, impedido de correr pela Federação, estreou-se com grande exitó no Casino de Paris, num número de dança acompanhado por um grupo de bailarinas

O programa de jogos internacionais de football organizado para o período final do ano pelo grupo B. S. B. (Benfica-Sporting-Belenenses), comportava a apresentação de dois grupos do Europa Central, o checo Zidenice e o hungaro Hungária.

O primeiro não conseguiu satisfazer a espectativa do público e foi copiosamente batido pelos clubes portuguêses que difrontou, excepto o Benfica que derrotou por 2-1 de maneira contrária a tôda a lógica. Em compensação o Hungária provou ser mestre na arte de jogar a bola redonda, realizando em Lisboa duas exibições contra grupos selecionados, que não é exagero considerar proveitosas lições.

Infelizmente para os organizadores, para o público apaixonado e para os próprios visitantes, o tempo não esteve favorável, e os encontros fôram quási todos disputados debaixo de chuva e em terrenos alagados ou transformados em lamaçais.

O Zidenice, que apresentava em abono da sua classe uma interessante lista de vitórias sôbre grupos de tradições firmados, não confirmou êsses créditos e a sua passagem pelo nosso país, nem deixou saudades, nem ensinamentos proveitosos. Não valia a pena virem de tão longe para receber vinte bolas em cinco encontros.

O grupo de Budapeste demonstrou, porém, categoria superior, não só pela classe individual da maioria dos seus componentes, como pela excelencia do conjunto, que exibiu uma arquitectura de jogo digna de autenticos artistas do desporto.

Para aqueles que proclamam a eficiência dos nossos progressos, o trabalho dos húngaros deve ter sido uma elucidativa revelação; o contraste foi frisante e, às vezes desolador.

A acção dos seus jogadores resultava duma perfeita educação técnica e tàctica, enquanto os rasgos mais eficazes dos portuguêses eram construidos a expensas de energia e entusiasmo. Dum lado o método e a arte-de-bem-fazer, do outro a vontade e o espírito empreendedor.

A Federação Nacional aproveitou a visita dos mestres húngaros para lhes opôr, num proveitoso treino, a provável selecção que deve enfrentar daqui a uma semana o onze austríaco de Hugo Meisb. Não sabemos bem qual foi, para o critério do selecionador, o resultado da experiencia: as duas hipóteses são possíveis, ou do esclarecimento definitivo, ou da confusão completa.

A verdade insofismável é que a formação apresentada a ninguem convenceu; exibiu durante quarenta e cinco minutos uma confrangedora demonstração de incapacidade, redimida no segundo meio tempo de jogo pela linha remodelada e cujos esforços teriam sido justamente compensados com a obtenção dum empate.

Confiemos na competência e clara visão de Candido de Oliveira, que por certo saberá escolher para a luta contra a Austria, o conjunto mais digno de representar as tradições do football nacional.

O modelo dos punhos de metal destinados ao transporte do facho olímpico que, levado de Atenas servirá para a inauguração dos Jogos de Berlim

■

A Alemanha está ultimando, com o escrúpulo que é hábito do seu povo em tôdas as organizações que empreende, a preparação para os Jogos Olímpicos que em julho próximo terão lugar em Berlim.

A cerimónia inaugural terá um originalidade interessante no acender a chama olímpica com um facho trazido de mão em mão, por corredores em estafetas sucessivos dêsde Atenas, onde será acesa pelos raios solares por meio duma grande lente.

O percurso escolhido atravessa a Grécia, Bulgária, Jugoslavia Hungria, Austria, Checoslovaquia e Alemanha, sendo o facho transportado dentro do território de cada nação por atletas dêsse país.

Fôram já mandados fabricar os archotes a transportar pelos corredores, constituidos especialmente por magnésio envolvido em folhas de zinco e devendo resistir à mais violenta tempestade.

Para evitar queimaduras com possíveis pingos de zinco, os archotes possuem no punho uma fôlha de protecção que envolve a mão do portador.

Estes punhos, para os quais foi escolhido um projecto do escultor Lemcke, serão oferecidos pela casa Krupp e, depois de utilizados ficarão pertença dos portadores. A fim de lhes dar uma utilidade prática que valorize o seu honroso significado, os construtores pensar dar aos punhos metálicos um dispositivo que permita empregá-los, depois, como candeeiros.

Na Jugoslávia, alguns dos corredores indicados para a travessia do território nacional serão altas personalidades; foi pedido ao pequeno rei Pedro para, como componente da associação dos Sokols, ser portador do archote simbólico numa das estafetas. O percurso escolhido para êle terá, provàvelmente, o seu termo junto ao túmulo de seu pai, o rei Alexandre, onde acenderá uma lâmpada especial.

O trajecto austriaco terá carácter regionalista, sendo os corredores escolhidos em tôdas as províncias do país. Em Viena far-se-á uma pausa, organizando-se festejos comemorativos, aos quais assistirá o govêrno. O presidente do Comité Olímpico Austriaco, dr. Teodoro Schmidt, será o portador da flámula durante os últimos mil metros antes da fronteira checoslovaca.

■

Foi Paris a primeira cidade onde, há 27 anos, se organizou uma corrida de natação no dia de Natal. Esta travessia do Sena, junto à ponte Alexandre III, num percurso aproximado a duzentos e cinqüenta metros, tem como únicas dificuldades a vencer a temperatura sempre baixa da água e a corrente bastante forte do rio.

A prova, como tantas outras similares que à sua imitação se disputam agora por tôda a França e diversos outros países da Europa, têm pouco valor desportivo mas grande efeito de propaganda, pela curiosidade popular que desperta.

A gentil nadadora catalã Carmen Soriano, que venceu a prova feminina da travessia do porto de Barcelona, em dia de Natal

O espectador pacato, friorentamente acobertado no seu sobretudo, considera com certo respeito o homem de desporto que, indiferente ao frio, se lança à agua pelo simples prazer de nadar.

Parece-nos que em Lisboa teria interêsse a iniciativa de organização, frente ao Terreiro do Paço, por exemplo, duma corrida em dia de Natal, que mostrasse aos profanos na matéria que o desporto é uma escola de audácia e estoicismo, e os desportistas não temem as constipações.

■

O homem manifesta sempre uma predilecção especial pelas coisas complicadas, procurando por todos os meios escapar-se do âmbito restrito que lhe foi imposto pela natureza.

Foi esta inspiração ambiciosa que criou a aviação e que, agora, ditou a um grupo de rapazes franceses uma iniciativa extravagante, que nos faz sorrir como tôdas as ideias novas, mas cujo alcance futuro talvez venha a exceder tôdas as espectativas.

Trata-se do Clube dos "Debaixo de Água", fundado há seis meses por Jean Painlevé, — um apelido de gloriosas tradições no mundo cientifico da França, — e cuja finalidade é o desenvolvimento nos seus adeptos do gôsto pelos passeios e explorações submarinas.

Não se imagine tratar-se duma organização de carácter científico, reünindo naturistas e oceanógrafos munidos de pesados escafandros para as suas peregrinações aquáticas. É exactamente o inverso: Jean Painlevé procurou reünir um certo número de amadores, de curiosos, que mergulharão apenas por prazer, para tirar fotografias ou praticar um desporto novo, de encantos estranhos.

No dia de Natal realizou-se mais uma vez em Paris a travessia do Sena, a nado, apesar da temperatura pouco convidativa

O Clube dos "Debaixo de Água", realizou a sua sessão inaugural numa piscina de Paris, procurando lançar a propaganda dos seus intuitos e iniciando numerosos convidados e, sobretudo, gentis convidadas nos prazeres do mergulho.

Para os primeiros ensaios dos aprendizes, o clube emprega uma máscara cujo tubo de aspiração se abre ao ar livre, sendo a extremidade ligada a um flutuador que a mantem à superfície da água. Êste dispositivo não permite, porém, a imersão a mais de meio metro, pois além dessa profundidade a pressão da água impediria a passagem do ar normal.

O clube estudou ainda um fato calorificante, indispensável para mergulhar durante o inverno ou nos lagos das montanhas, onde a água está sempre gelada.

Salazar Carreira.

ANIMAIS FABULOSOS

AS ORIGENS DO UNICÓRNIO

HIPÓTESES SOBRE A FORMAÇÃO DUM MITO

Durante muito tempo foi admitida a existencia em remotas partes do globo dum animal de configuração estranha designado pelo nome de unicórnio.

Até ao século XVII, os livros da história natural mencionavam êste ser fabuloso, descrevendo-o com grande cópia de pormenores. As histórias mais fantásticas eram citadas a seu propósito. Atribuia-se-lhe invulgar fôrça e dizia se que vencia na corrida o mais veloz cavalo. Habitava regiões desoladas e cumes de montanhas, segundo uns na Índia e segundo outros na África. A sua coragem e ferocidade eram apontadas como extraordinárias, mas pretendia-se que cediam o lugar a uma grande docilidade em presença duma virgem. Assim, se uma rapariga se aproximava do seu refúgio, o unicórnio manifestava grande contentamento e apressava-se a deitar a cabeça no seu colo, onde adormecia satisfeito. Tornava se então fácil matá-lo.

Tôdas estas histórias mais ou menos absurdas tiveram, como dissémos, aceitação durante muitos séculos. Num tratado escrito em 1600, Guillim, referia-se ao facto de algumas pessoas pôrem em dúvida a existencia de semelhante animal, para afinal o rebater dizendo que a existencia do chifres em vários locais era de molde a dissipar êsses inúteis escrupulos.

De facto, podiam admirar-se em diversos locais da Europa supostos chifres no unicórnio. Atribuiam-se-lhe mágicas virtudes e eram por isso muito apreciados. Julgava-se que revelavam a presença dos venenos e que os copos com êle construidos neutralizavam a acção dos tóxicos. Em plena Idade Média, semelhantes propriedades eram altamente estimadas e muitos reis e príncipes possuiam nos seus tesouros objectos dêsse género. A casa real britânica possuia um que no século XVI era avaliado em dez mil libras, quantia fabulosa para a época. Sabe-se agora que se tratava simplesmente do longo aguilhão dum cetáceo dos mares árticos, chamado narval. Quanto aos copos eram geralmente talhados em chifre do rinoceronte indiano.

O primeiro escritor que menciona o unicórnio é Ctesias que viveu por volta do ano 390 antes da nossa era. Fala num burro selvagem com um só chifre. Aristoteles descreve alguns anos mais tarde um animal idêntico. Estrabão e Plínio, com ligeiras variações, dão curso à mesma lenda.

A Bíblia refere-se ao unicórnio mas há razões para supôr que se trata duma deficiência da tradução. A palavra hebraica correspondente a uma espécie do antílope chamado *oryx* parece ter sido traduzida por unicórnio, por se julgar nessa época que tal animal possuia de facto, uma única defesa.

Seja como fôr, as razões que determinaram a criação desta lenda são difíceis de determinar. Opinam uns que foi o rinoceronte que lhe deu origem. Outros indicam o *oryx*, o antílope de que já falámos. De facto, êste animal possue dois chifres longos e quási rectilineos. Vendo-o correr a distancia e de perfil afigura-se que só tem um e isto póde ter originado o êrro dos antigos viajantes e naturalistas.

Entretanto, embora a sua existencia nunca passasse dum mito, o unicórnio, ocupa na verdade, um lugar proeminente na heráldica. Figura, por exemplo, nas armas reais da Inglaterra. A sua anatomia é aqui, como é de supôr, o mais fantasiosa que é possível.

Os desenhadores devem ter-se visto em apuros para representar um animal que ninguem tinha visto e de que só existiam descrições discordantes. Seguiram, por isso, o que a imaginação lhes ditava e deram quási sempre ao fabuloso animal cabeça e corpo de cavalo, pernas e pés do antílope e cauda do lião.

Assim nasceu o único unicórnio real, que ainda hoje vive nos brazões e escudos de armas.

Em cima: *O narval, cuja defesa figurou durante muito tempo no tesouro real britânico como sendo a de unicornio.* À esquerda: *O «oryx», especie de antilope que pode ter provocado a crença errada dos antigos naturalistas*

Em todo o caso, esta questão do unicórnio oferece grande interêsse para os investigadores. Nenhum outro animal fabuloso persistiu tão longamente na imaginação humana. Muito depois do dragão, por exemplo, ter entrado definitivamente nos domínios da lenda, ainda a existência do unicórnio era considerada por muitos como indiscutivel. Deve-se isso talvez ao facto de êle se basear na existência de animais verdadeiros, com que foi durante muitos séculos confundido.

Um erudito inglês, Mr. Tracy Philips sustenta que o unicórnio lendário se confunde inteiramente com o rinoceronte e nada tem de ver com a sua representação heráldica. E refere que as defesas do rinoceronte ainda hoje têm muita procura na China porque se lhes atribue o poder de revelar os venenos, e que em certas regiões da África existe a crença de que é possível capturar êstes animais com intervenção duma virgem.

O rinoceronte africano, sobrevivente de especies desaparecidas e que deformado pela imaginacão humana, pode ter dado origem a lenda do unicó nio

A MULHER E A COZINHA

Em todos os tempos o trabalho da cozinha foi, em geral, dedicado à mulher. Houve na antiguidade cosinheiros muito célebres como Vatel e outros, mas essa celebridade vinha justamente de ser rara em homens, tal habilidade. A mulher como dona de casa, como guardiã do lar, tem na cozinha o seu lugar e às suas ordens tem em geral uma cosinheira, que na família tem um lugar importantíssimo, como é natural.

Nada mais importante na vida humana do que a alimentação. Dela depende a saúde, êsse dom precioso que só verdadeiramente apreciamos, quando o perdemos.

Uma cozinha sã, bem combinada contendo tudo o que necessita o corpo humano, tem um lugar bem marcado na vida humana e não há inteligencia superior de mulher que deva envergonhar-se de se dedicar a êsse assunto que a muitas parece ser comesinho e insignificante, no que estão em completo êrro.

A inteligência da mulher não pode ser mais bem aplicada do que na direção da sua casa, na orientação da sua família e na organisação da vida comum.

Ora nessa vida a alimentação é o maior cuidado e é necessário ser inteligente e ter uns certos conhecimentos para organisar as ementas familiares, ementas de que depende em grande parte o bem estar da família e que estão unicamente a cargo da dona de casa, que é a responsavel por tudo.

Tenho ouvido muitas vezes mulheres que se julgam inteligentes desdenhar das ocupações femininas dentro da sua casa e suporem que a sua inteligência é apoucada por se ocupar de tão pequeninas coisas.

A inteligência dessas mulheres não existe senão na sua vaidade. Na vida não há pequeninas coisas. Tudo tem o seu lugar marcado e o que parece muitas vezes insignificante é grande porque é útil. Na educação da mulher deve haver o maior cuidado em desenvolver o gôsto pela casa e pela cozinha, fazer-lhe compreender que se hoje em dia não se pode compreender uma mulher sem instrução, sem cultura, também não se tolera a mulher que despreza as ocupações que lhe competem e para as quais nasceu.

E' êsse o êrro de muitos educadores modernos, que esquecem no seu programa sobrecarregado de coisas, que a mulher tem sempre que contar com os seus encargos femininos e com a sua natural ocupação de dona de casa.

Para desempenhar cabalmente essa missão é preciso muita inteligência, muito bom senso, uma grande orientação e muita paciência.

As pequenas coisas do govêrno de casa exigem uma grande dose de filosofia e a mulher nunca deve incomodar com êles o marido. A decisão tem de ser uma das suas qualidades. Uma decisão rápida que faça com que tudo dê o efeito, aos que observam de fóra o seu govêrno, muitas vezes mais importante que o govêrno duma província, de que tudo corre sempre bem e normalmente.

Mas nesse govêrno a cosinha tem a maior importância. É preciso comer, umas poucas de vezes ao dia e é preciso comer bem. Não só no sentido de ser agradável como também, o que é mais grave, no sentido higiénico, comer aquilo que é preciso, sem exagêro de temperos, mas com a sustância precisa para que o organismo se não ressinta Aqui é que é o grande papel da dona de casa, que tem de dirigir a cosinheira para que tudo corra o melhor possível.

E não creiam, que muitas vezes não terão, que deitar a mão ao avental e preparar com cuidado um prato que a cosinheira não sabe fazer, um pastelão de folhado, um bolo para a sobremeza e assim marcar bem, áquela que está debaixo das suas ordens, que sabem fazer, aquilo que ordenam que se faça.

E creiam, minhas senhoras, que nunca são mais bonitas e mais interessantes do que quando se ocupam dos seus, da sua casa e do bem estar da família.

E' aí nesse ambiente que a verdadeira beleza irradia, e que a mulher exerce a fascinação do seu poder imenso.

Porque aqui entre nós pode dizer-se: o homem é guloso e aprecia a boa cozinha. E na verdade êle sente-se muito mais preso quando encontra a par da beleza física, do atrativo duma boa conversa e dum espírito brilhante e culto, o conchego dum bom lar, superiormente dirigido, e uma cosinha que desperta o apetite, pela excelência dos seus sadios acepipes. A gula hade ser sempre um dos pecados do homem e emquanto comete êste, não faz outros. Por isso é necessário que a mulher se interesse pela cosinha.

A mulher portuguesa seguindo as tradições seculares, é em geral uma boa dona de casa e uma excelente cosinheira. Doces não se fazem em parte nenhuma tão bons como em Portugal e no Brasil e a mulher brasileira segue as pisadas das suas antepassadas portuguesas no apuro dos doces e no cuidado com os acepipes, tão apreciados por seus maridos. Mas hoje tenho notado uma certa reviravolta no espírito feminino mundial e que a mulher que tanto pugnou pelos seus direitos hoje que já os adquiriu, quási por completo, sente de novo uma forte inclinação pelas ocupações de suas avós e que as suas mães que assistiram à luta pelos direitos femininos, tinham desdenhado um pouco.

E é muito interessante essa reviravolta que traz a mulher ás ocupações que devem ser a base da sua vida, e da sua felicidade. Porque não hesito em afirmar que um bom jantar, que afagou a guloseima dum marido, torna-o muito mais terno e depois dum jantar em que os pratos falharam não forem bem apresentados, há mil probabilidades contra uma, de que o humor do melhor dos maridos esteja bastante transtormado e êle esteja à beira duma cenasinha conjugal, pouco agradável.

Convençam-se minhas senhoras, que o homem é um ente muito interesseiro e muito prático, e que agradam mais tendo na mesa um bom jantar, do que vestindo um lindo vestido, embora êsse as torne encantadoras.

E' pois necessário na educação da rapariga de hoje, que será a mulher de amanhã, não desprezar a cosinha, como um dos elementos da sua felicidade futura e do bem estar do seu lar e alegria do seu marido e dos seus filhos e a sua própria.

Maria d'Eça.

NAS TERRAS DO REI DOS REIS

Addis-Abeba por dentro

Um passeio através desta cidade cujo nome quere dizer "Nova Flôr"

Senhora etíope com os seus filhos

QUANDO o negus Menelik II, num impulso renovador, se decidiu introduzir no seu império as mais arrojadas reformas, abolindo a escravatura e fazendo instalar postos telegráficos e telefónicos que estabelecessem ligação entre as principais cidades, era capital da Abissínia a veneranda Gondar, em cujas altas muralhas se patenteiam ainda, indeleveis, recordações portuguesas.

Menelik II, entrando nessa fase de renovação, criou uma nova capital a que chamou Addis-Abeba, que significa «Nova Flôr».

Tudo isto conseguiu êsse homem de vasta inteligência, político habilíssimo e guerreiro extraordinário há cêrca de meio século.

Hoje, Addis-Abeba é uma cidade progressiva e adaptada às necessidades da vida moderna, graças à pertinácia do negus actual que se tem tornado digno sucessor de Menelik II.

A Etiópia, estagnada durante muitos séculos no seu atrazo milenário, começou a experimentar o impulso renovador, a acatá-lo, e até a apreciá-lo.

E assim se explica a sua entrada para a Sociedade das Nações, na firme disposição de defender o bem comum em todo o Universo. Ao assinar o Pacto de Genebra, tomara sinceramente o compromisso de defender qualquer país, fôsse êle qual fôsse, em caso de agressão. Não será, pois, para extranhar que os países sinatários de tão louvavel acôrdo, acudam agora a prestar-lhe auxílio, visto estar na contingência de nação agredida.

Hoje, um passeio à capital etíope apresenta as mais curiosas surprêsas. O aspecto das ruas é tão variado que oferece sempre interesse. Além disso, graças à altutide desta cidade que é de mais de dois mil metros, o clima é agradabilíssimo.

O mercado, por exemplo, situado no centro da cidade, é um dos pontos mais característicos porque palpita ali, pode dizer-se, o coração da vida abissínia. Nessa multidão heterogénea em que andam misturadas tôdas as raças da Terra, distingue-se tão perfeitamente o abexim como o azeite ao cimo de água.

Os mercadores armam os seus estabelecimentos nos passeios e até nas calçadas, e ali, abrigados por pequenos guarda-sois, atendem os clientes com um geito que nada fica a dever ao dos parisienses. Os homens, traçando a ampla túnica tradicional, mostram, ainda assim, umas calças apertadas que lhes modelam as pernas desde o tornozêlo à côxa. Cobrem-se, por fim, com um «chamma» branco, espécie de manto, levantado de um lado pela espingarda e, algumas vezes por um simples cacête que dá a impressão de uma arma de fogo. Êste artifício torna-se indispensavel para a conquista da consideração e respeito dos seus concidadãos. O facto de se possuir um cavalo ou mesmo uma muar é também um sinal de distinção. Uma capa negra, bordada a vermelho, é o distintivo de riqueza.

Três pequeninos brincando com uma ovelha

Os tipos das mulheres são muito diversos: algumas usam os cabelos cortados como os homens, sendo até difícil distingui-las à primeira vista.

As que usam os cabelos compridos, penteiam-nos duma maneira curiosa e muito difícil de realizar. Fazem dezenas de tranças pequenas e finas que, ou enrolam sobre o pescoço, ou dividem em dois bandós. Uma outra trança maior forma uma espécie de auréola ou diadema no alto da cabeça. Se, na sua maioria, as mulheres etíopes são feias, tôdas são delicadas, meigas, e engraçadas até. No transporte dos filhos, suspensos num pano, lembram as mulheres do Sul de Angola. Quando aparece uma senhora com os seus filhos, o caso muda de figura. Envolta no seu manto alvíssimo, sobraçando o petiz mais novo e acalentando um outro junto dos joelhos, lembra uma estampa da Virgem-Mãe com o Menino Jesus e S. João.

Três músicos ambulantes

Os próprios senhores feudais aparecem no mercado a fazer as suas compras, mas sempre de espingarda em bandoleira para não haver confusões. A's vezes apresentam-se com a sua comitiva de "zobonios», dando-se ares de majestade. Pela quantidade de homens ao seu serviço, e pelo aspecto marcial que manifestam, se avalia o seu poderio. As suas mulas fazem tilintar guizeiras de prata, numa chocalhada ensurdecedora. Os senhores, vestidos de branco, largo chapeu de feltro na cabeça, e calçados de sapatos de verniz, apoiam-se na espádua vigorosa dum criado favorito que corre a seu lado, acompanhando a cavalgadura. Os homens que o seguem transportam o seu escudo de parada, o sabre e as espingardas envoltas em panos berrantes, mais berrantemente bordados a prata e a oiro. Com o seu olhar altivo e indiferente passam por entre a admiração respeitosa da populaça.

Mais adiante, na Avenida Central, um polícia sinaleiro, empoleirado num tambor de gasolina, regula o trânsito com o desembaraço de qualquer dos seus colegas europeus.

Um sinaleiro em Addis-Abeba

Como pedestal simbólico, não poderiam escolher melhor...

Numa das ruas tortuosas, onde vamos dar, e muito semelhantes a algumas da Setúbal antiga, deparamos com três músicos ambulantes tocando uns violinos tão exquisitos que nem o próprio Kubelik seria capaz de se entender com êles. E não tocam nada mal, podem crêr. A prova está em que raras vezes se encontram sem contrato, visto ser muito apreciada a sua harmonia nos estabelecimentos e até nas festas das casas particulares.

Voltando à esquerda, vamos ter a uma rua humilde, mas cheia de sol, onde três bébés se entretêem a brincar com uma ovelha paciente.

Na sua inconsciência de crianças, êsses filhos de selvagens nem sequer pensam que, lá no ar, podem andar aviões dos homens civilizados que não hesitarão em lhes mandar a morte numa granada, ou numa baforada de gases asfixiantes.

Sabem lá êles o que vem a ser essas coisas mortíferas que a civilização inventou!

Logo que o seu dôrso possa suportar uma arma de guerra, subirão à montanha, como seus pais e seus avós fizeram, ou para caçar feras, ou para expulsar os invasores do seu torrão natal.

E' nisto que reside o segrêdo da soberania dêste povo.

Quando a Itália, dando largas ao seu sonho de expansão territorial, se lembrou de voltar à Abissínia à procura de cautério para a chaga recebida em Aduá, houve quem supuzesse que diante dum tão poderoso exército magnificamente apetrechado, os etíopes ficariam reduzidos a poeira nas vastas charnecas da sua insuficiência.

Houve também quem não acreditasse nesses triunfos — e nós fomos dêsse número — visto ser tradicional a bravura dos etíopes. Grande foi o trabalho dispendido em os aquietar ante o avanço das fôrças italianas. O próprio *rás* Seyum, apesar de estar ao facto da táctica imposta pelo alto comando, que aconselhava calma e até retiradas estratégicas para facilitar o internamento do inimigo, desobedeceu mais de uma vez, saindo a dar-lhe combate renhido e sanguinolento.

Contava a Itália chegar a Addis-Abeba em três semanas, quando muito... Falharam os cálculos.

O mesmo sucedeu aos alemães quando projectavam, no seu avanço triunfal, ir almoçar a Paris... E os alemães ainda conheciam o caminho trilhado na guerra de 1870, ao passo que os italianos não tinham passado de Aduá, sendo até pouquíssimos os que voltaram à pátria a dar conta de tão desastrosa jornada.

Jantar de gala no Palácio Imperial. O 2.º convidado, à esquerda do Negus, é o general sueco instructor do exercito etíope

Mulher etíope transportando o filho

Hoje, a luta prossegue, mas a Etiópia continua a ser aquele formidável império que logrou impôr a sua vontade dominadora aos Faraós egípcios, após longos séculos de luta, e que, encerrado nas suas altas muralhas de rocha viva, permanece inacessível para o resto do mundo, apesar dos assaltos de que tem sido alvo. Aferrado à sua antiqüíssima organização feudal, tão depressa evoca os tempos remotos da raínha de Sabá, como recorda os feitos prodigiosos do négus Menelik II, tio do actual soberano Hailé Selassié.

Quando acabará esta guerra?
E como?

Addis-Abeba, Dezembro de 1935.

Silvio Teles.

SER PATRIOTA...

D. Nuno Alvares Pereira

Parece fácil, mas não é, saber amar a sua pátria, como ela deve ser amada.

É que êsse amor não deve apenas aflorar aos lábios, em discursos balofos ou afirmações que se desmentem, quando chega a ocasião própria de serem postas em prática.

É preciso que aquele que se diz patriota sinta que o amor pela sua tèrrinha tem raizes fundas, e bem fundas, no seu coração. E' preciso que êle tenha a certeza de que num dado momento, em que a pátria dêle precise, está disposto e absolutamente decidido a pô-la à frente de todos os seus cuidados e de tôdas as suas afeições.

Isto de se imaginar patriota, porque se gosta dos campos, dos prados, das praias e do sol da sua terra, não chega para tanto. Nem mesmo, por bravata em terra estranha, vir à liça, qual magriço em defeza de sua dama, terçar palavras, numa fácil apologia.

Amar a sua pátria é amar também todos quantos a honraram e a estiverem honrando, pelo seu talento ou por suas felizes iniciativas para torná-la mais brilhante. E não raras vezes os falsos patriotas, pondo os seus interêsses pessoais adiante da justiça e do brio nacional, procuram ofuscar, com artimanhas invejosas, espíritos superiores, esquecendo-se de que primeiro está o orgulho pela nação e depois a nossa individualidade.

Por todos os cantinhos do globo o amor da pátria alastra e, graças a Deus, há muito quem bem o compreenda.

Quer se entôe *A Portuguesa*, quer se cante *God save the King*, quer se grite *Deutschland über alles*, ou se entôe a *Marselheza*, seja qual fôr o hino que aos nossos ouvidos chegue, envolvendo em carinho um pedaço de terra, o nosso coração comove-se, porque nesses cânticos há corações irmãos que palpitam com o mesmo entusiasmo e a mesma ânsia de bem servir a sua pátria.

Todos têm o direito e o dever de amar o solo em que viram pela primeira vez a luz do dia, e mesmo aquele que escolheram para sua pátria de adopção.

De censurar é só quem contra êle trabalha e tece a trama da vil traição para que o perdão não existe.

■

No mesmo amor pela pátria, não devemos cegar-nos a ponto de não querermos admitir que aos outros, mesmo em luta connosco, assiste o mesmo direito de amar e defender o que é seu.

Amigos ou inimigos, a todos ilumina êsse sol bemdito que se chama patriotismo.

A bandeira que se desfralda ao vento, no campo da batalha, é digna de igual amor, seja verde-rubra, estrelada, raiada, tricolor ou como seja.

A' nossa queremos-lhe, como os outros querem à sua.

Temos direitos iguais e corremos os mesmos perigos.

■

Há lá coisa mais bela do que o frenesi, o calor, o entusiasmo com que respondemos todos, civis e soldados, ao chamado da pátria?

Que espectáculo mais grandioso pode passar, ante os nossos olhos maravilhados, do que êsse cortejo de corações, marchando unidos, guiados por um único pensamento — acudir à pátria em perigo, à terra natal, nossa mãi e nosso pai, num amor acrisolado e santo?!

E' por isso que a atitude das mulheres italianas me comoveu até às lágrimas.

Não há saber aqui quem tem ou tem razão. Há só a registar um gesto lindo, um gesto sublime que vale uma epopeia.

■

As mulheres da Itália, com a sua Rainha à frente, entregaram ao govêrno do seu país as alianças do casamento, para ajudar a fazer frente à crise económica.

Em tôdas as províncias se formou um cortejo imponente de esposas e mãis dos soldados, algumas já viuvas ou chorando os filhos queridos.

Ninguém faltou. A pobre "contadina„ largou o amanho das suas terras, e a dama rica e luxuosa deixou o cantinho do seu "boudoir„ para seguirem o exemplo da sua soberana.

Separaram-se decerto saüdosas dêsse compromisso de amor, mas corajosas e resolutas, porque à frente de todos os amores está o amor da pátria, aquele que acrisola virtudes e redime crimes.

■

Esquecermo-nos de tudo, confôrto, carícias do ente amado, e sabermo-nos libertar do abraço doce dos tenros bracitos de nossos filhos, para só escutar essa voz misteriosa, essa voz mágica que faz dos cobardes uns valentes e torna os comodistas em altruistas e diligentes, a voz da terra-mãi, isso é que é ser patriota. Na verdade ou no êrro, a pátria acima de tudo.

Está nisso a força espiritual duma nação.

Mercedes Blasco.

Joana d'Arc

— Venha cá, seu mau! Que é que você precisava agora? Não lhe tenho dito para não atravessar a rua!

ANECDOTAS

Um ancião apresenta-se num hospital de gatos e cães e pede para ser internado.

— Mas isso não pode ser — objectam-lhe.

— Pode, sim senhor. Tenho todo o direito. Sou um velho soldado.

— Mas aqui é um hospital veterinário...

— Por isso mesmo. Eu sou um veterano.

■

Durante uma viagem de comboio:

— Como se chama esta estação onde passámos agora, mamã?

— Não sei meu filho. E não me faças preguntas porque estou a ler.

— Pois é pena que não saibas, porque deixei cair a nossa mala à linha.

■

— Como foi que o Jorge partiu a perna?

— Vês aquele degrau?

— Vejo.

— Pois com êle sucedeu o contrário.

■

O hipnotizador para a assistência:

— E agora, meus senhores, vou fazer com que êste homem esqueça todo o seu passado.

Uma voz agitada na 4.ª fila:

— Espere um momento! Êle pediu-me há bocado dez escudos emprestados.

■

Na vespera do Natal à noite, uma dezena de sócios dum clube modesto demoram-se em conversa numa das salas da colectividade. Em determinado momento, um criado chega à porta e diz:

— Está ali uma senhora que diz que o marido prometeu-lhe estar em casa à meia noite e, como não aparece, vem buscá-lo.

Todos os dez circunstantes se levantam simultâneamente e dizem:

— Vocês desculpem... Até àmanhã!

■

Um sujeito de invulgar obesidade atravessa desprevenidamente uma rua e é colhido por um automóvel. Tudo se resume felizmente a uma ligeira contusão, mas o homem gordo mostra-se indignado:

— O senhor não podia ter dado a volta por traz de mim? — vocifera êle.

Ao que o "chauffeur" responde calmamente.

— Não tinha a certeza de ter gasolina suficiente.

■

Um actor descreve a outro os seus pretensos triunfos teatrais:

— A assistência estava pregada ao solo...

— Compreendo. Era a única maneira de evitar que abandonasse a sala.

■

Serapião entra num "eléctrico" acompanhado pela mulher. No meio do aperto da plataforma uma senhora grita que êle a pisou e logo um cavalheiro que se apresenta como marido da vítima, increpa Serapião em termos violentos. Êste apresenta tôdas as desculpas mas o homem continua irascível. Por fim, para o apaziguar, Serapião aproxima-se dêle e diz-lhe ao ouvido:

— O cavalheiro tem tôda a razão. Faça favor de pisar minha mulher e ficamos pagos.

■

Uma senhora de idade vem da província a Lisboa pela primeira vez e vai hospedar-se num hotel da Baixa.

— Acho êste quarto muito acanhado para o preço.

— Perdão! Isto não é o seu quarto, minha senhora. É o elevador.

■

— Sabes dizer-me porque é que os músicos desta banda só tocam quando vão a marchar?

— Talvez porque em andamento é mais difícil acertar-lhes.

■

O fim duma discussão:

— Porque não experimentas falar com um pouco de senso comum?

— Não quero ter uma tão excessiva vantagem sôbre ti.

■

Uma senhora rica e idosa estava na convalescença duma grave doença.

— Não tem parentes amigos que venham fezer-lhe companhia? — sugeriu o médico, preocupado com o estado moral do cliente.

— Muitos — respondeu a enferma — Mas receio que se tornem muito menos amigos no dia em que souberem que estou melhor.

■

Uma "chauffeuse" loura compareceu perante o tribunal.

— É acusado — diz-lhe o juiz — de conduzir o seu carro a 90 quilómetros por hora, ter derrubado um candeeiro de iluminação pública e chocado com uma montra. Que tem a alegar em sua defesa?

A ré, com indignação?

— Ora essa! Então as licenças que pago não me dão nenhumas regalias?

— Estou muito satisfeito com os teus serviços, Alfredo. Mas, sinto dizer-te que não acho que dês bem com a linha do nosso carro novo.

Desde sempre que foi discutido o espírito indisciplinado das mulheres. Para o homem o símbolo da rebelião, do carácter indómito, foi sempre a mulher. Sem se lembrar que durante séculos a mulher teve a sujeição duma criança, e, mais não era na sociedade, do que uma grande criança.

De vez em quando estalava um acto de rebelião e a mulher em conjunto ou em separado, justificava a opinião, que o homem tinha a respeito dela, mostrando-se rebelde e muitas vezes tirana, quando a ocasião se proporciona para o poder ser.

Mas observando bem a vida nós vemos que a mulher possui um espírito de obediência e de submissão e até de disciplina.

Há no mundo ente vivo que viva tão submisso à moda como a mulher? Tudo a mulher sacrifica à moda, até a própria beleza. E nunca a mulher deu uma prova mais completa da sua escravidão — chamemos-lhe assim — à moda, do que actualmente, que ela proclama a sua independência e os seus direitos.

A mulher de 1936 não se contenta em que os seus vestidos sejam cortados e feitos segundo os ditames da moda, mas faz o próprio rôsto segundo as ordens da moda. As mulheres são às series, há a serie loira, a serie «platinée», a serie morena, a serie «ambrée», mas dentro dêsse modêlo não há variedade. As sobrancelhas rapadas e pintadas segundo o modêlo da sua serie, a bôca feita segundo o modêlo escolhido, os olhos alongados como o exige o critério de beleza actual, a pele pintada do mais inverosimil tom, mas que é o que a moda decretou, e eis a mulher de hoje, aquela que lutou para se libertar da tutela do homem e, que exije os mesmos direitos que êle!

Quantas vezes ao encontrar essas variadas séries de mulheres, na rua ou nos espectáculos públicos, eu penso que o homem tem razão de não tomar a sério a boneca que é a sua companheira, e em duvidar, que debaixo dêsses cabelos pintados, dêsse «fond-de-teinte» haja um cérebro e haja ideias.

E' natural que a mulher goste de se embelezar, de se enfeitar, de vestir bem, que a mulher dê o impulso ao luxo, criador de tão belas coisas e que é um factor da civilização e um propulsor da arte. E' mesmo êsse um dos seus papeis na sociedade, quando é rica e pode fazê-lo sem prejuizo da economia do lar.

Mas, é absolutamente ridículo é que a mulher se torne feia e desfigure a beleza com que Deus e a Natureza a dotaram, para estar á moda. E' irrisório que ao encontrar uma senhora que há dois anos se não via, não seja fácil reconhecê-la porque se desfigurou por completo julgando que se tinha embelezado.

E' preciso que se convençam que o que a Natureza faz está muito bem feito e que tudo o que seja modificá-la não pode dar bom resultado. A mulher pode retocar a sua beleza dentro do que a não desfigure. Um pouco de «rouge», um pouco de «bâton», um certo cuidado e tratamento à cabeleira, para que o penteado seja belo, mas harmónico com o tom geral são perfeitamente justificáveis e até de aconselhar, mas a caracterização ridícula, que usa a maioria das senhoras, hoje, é desgraçada.

Chega-se a pensar que ao fazerem certas caras se estavam a divertir à nossa custa, ou à sua própria. E' pois caso, para aconselhar à mulher moderna mais moderação e pedir-lhe, que guardando à sua linha de elegância e mesmo conservando a sua escravidão à moda, no que ela tem de aproveitável, no vestuário, respeitem as suas caras e mantenham sem a desfigurar, como tantas vezes o fazem a beleza que possuem.

Na originalidade está o interêsse e se as mulheres se tornam tôdas iguais, acabam por não merecer um único olhar dos homens, que me parece ser o que procuram, ao modificar-se de tão completa maneira.

Maria de Eça

A moda

Em plena estação apresenta-se a moda mais tentadora do que nunca, para a mulher elegante e que na vida sabe ocupar o seu lugar, sem exageros, mas sabendo embelezar-se e tornar interessante o ambiente que a rodeia e que gosta de a seguir.

Como para a mulher que é mãi o interêsse pelos filhos supera tudo, damos uns lindos modêlos de vestidos para criança. A mulher «chic» só é verdadeiramente feliz, quando os seus filhos a acompanham na sua elegancia. Nada mais precioso que o vestidinho usado para «matinée», pela graciosa pequenita de cabeça encaracolada que numa «matinée» de natal deu brado pela sua elegância. Em «taffetas», azul água marinha com a borda às ondas, abotoadinho atrás, têm em volta do decóte, uma graciosa guarnição em «chiffon» plissado. Um laço na cintura dá-lhe muita graça. Em gaze de sêda malva é o vestidinho da outra pequenita do melhor efeito com os seus folhos em baixo e nos hombros.

Para esta época em que começam as grandes festas apresentamos um lindo abafo para a noite. Em arminho da Russia branco com uma larga gola que faz bico nas costas, tem as mais deslumbrantes mangas em raposa branca.

Acompanha-o um casaco comprido em veludo «celophane» preto, guarnecido com uma romeira e tendo amplas mangas que dão uma graça especial a esta confecção.

Hoje o abafo para a noite têm uma tão grande importância, como a própria «toilette», por isso lhe reservamos sempre um lugar de destaque nas nossas descripções do que é a moda nos grandes centros.

Para os vestidos de rua, de tarde e de passeio a moda continua a manter a linha da simplicidade, que tão bem se coaduna com a vida moderna e com os hábitos da mulher de hoje.

Damos um lindo modêlo em fazenda de lã cinzenta. Duma elegantissima linha o vestido que cinge o corpo moldando-o, é completado por um casaco três quartos guarnecido todo em volta por tiras de «Kimmer lamb», cordeiro da Crimeia, no mesmo tom cinzento. Um gracioso chapelinho na mesma pele dá a nota invernosa à «toilette» que, tão prática, têm muito «chic», e uma elegância do melhor tom, o que tão apreciado é sempre pelas senhoras que sabem vestir com verdadeira elegância e distinção.

Mas não são só os vestidos, os abafos e os chapéus que preocupam a mulher. O calçado têm a maior importância. Assim damos dois modêlos de sapatos de noite do mais requintado «chic». Um dêles em brocado guarnecido a tirinhas de pelica doirada, o outro modêlo é uma sandália, em tirinhas de pelica prateado, tendo a parte de traz em «crêpe de chine» branco. E' dum grande «chic». A carteira é outro objeto de grande cuidado para a mulher elegante. Assim aqui têm à escolha três modêlos lindos. Para de manhã uma carteira prática em «calf» com a fórma nova de ter o fundo chato o que é muito prático. Para a tarde, uma carteira em couro «claqué» azul escuro. Para a noite um elegante saco bordado a «petit point» com fecho dourado guarnecido com pedra e um cabochon vermelho.

Higiene e beleza

O maior êrro que uma senhora póde cometer é maquilhar o seu rosto como tôda a gente. A mulher elegante e que quere ser bela, deve observar-se e estudar o seu rosto antes de empregar, qualquer «rouge». O que é necessário é que haja harmonia no conjunto. Uma senhora que tenha a pele gordurosa não deve usar crémes durante o dia Deve lavar a cara com água morna e um bom sabonete, Em seguida passar na cara uma loção de alcool e canfora, depois aplicar o pó e o «rouge» tendo cuidado que êste se harmonize com o tom da pele.

As senhoras que têem a pele sêca devem lavar a cara de preferência em água fria e em seguida untar a cara com água com um bom crême, fazendo uma ligeira massagem, um pouco mais prolongada ao canto dos olhos, (a pele sêca têm muita tendencia para enrugar), em seguida aplicar o pó de arroz e o «rouge». A' noite em vez de lavar a cara, tirar a «maquillage» com um algodão embebido em óleo de amendoa doce.

Um poeta e as mulheres

Rabindranath Tagore, o famoso e delicado poeta indiano, num interessantisso estudo desvendou o segrêdo da existencia da mulher e o seu poder.

Segundo o criterio oriental e poetico de Tagore, o segrêdo do poder da mulher reside em ser indispensável ao homem, como a principal inspiradora das suas actividades mentais, emocionais e espirituais.

Essa afirmação vista nas suas linhas gerais parece talvez ás feministas uma indicação desfavoravel, mas é bem verdadeira. Ela não é a competidora do homem. E' como o seu complemento. E' essa a razão que me faz ver que nenhum bem lhe póde vir de trabalho fóra de casa, que não embeleza a vida. A sua missão na vida não a póde tornar a duplicata do homem. Ela é a sua cooperadora e nunca deverá ser a sua imitadora.

Se a mulher tivesse sido sempre uma adversaria do homem, com as mesmas funcções a exercer e a preencher a sua existência, a vida seria um aborrecimento, duma aridez que a tornaria intoleravel para a humanidade.

«No mundo mental, a inspiração da mulher lança no cérebro do homem, a semente que o seu impulso criador faz florescer.

Ela é indispensável ao homem como inspiradora e como amparo moral. E talvez porque ela trabalha nos bastidores é que não podemos avaliar o elevado grau da sua contribuição na criação intelectual, e talvez que por êsse mesmo motivo, ela é tão elevada.

«O homem póde ser comparado a uma árvore que carece de extensão, de espaço, de ar livre. Se as suas raízes fôrem arrancadas, não póde sobreviver à dôr.

«A mulher por um lado, é como a planta trepadeira, que procura desenvolver-se, agarrando-se à árvore e sómente poderá florescer agarrando-se e ela». Esta concepção da humanidade e esta definição, póde não estar em harmonia com as idéas correntes, mas a verdade é que contém em si muito de verdadeiro e um espiritualismo oriental de subida poesia e de grande alcance. Que homens e mulheres o compreendam e a felicidade será deste mundo.

Receitas de cosinha

Figado de vitela: — Para se utilizar para o almoço o figado de vitela que sobrou da vespera há várias maneiras de o cosinhar; uma é a seguinte:

Partem-se em rodinhas 5 ou 6 cogumelos (que devem ser frescos e bem limpos) para o môlho que se têm de fazer, aproveitam-se os pés e as peles das cabeças. Depois de picados os cogumelos apertam-se num pano e torcem-se fortemente para se lhes extraír tôda a água.

Derretem-se numa caçarola 20 gramas de manteiga, com uma colher de bom azeite, deitam-se os cogumelos, uma pitada de sal, uma de pimenta e um pouco de noz moscada, mexe-se tudo sôbre o lume forte, para que se complete a evaporação de tôda a humidade; junta-se uma cebolinha picada, 15 gramas de farinha, uma colher de tomate, um copo de vinho branco e 3 decilitros de caldo.

Atingida a fervura deixa-se ao lume 1/4 de hora. Junta-se depois a êste môlho o figado cortado em pequenos dados, aquece-se, mas não se deixa ferver. Deita-se num prato quente numa cercadura de arroz de manteiga. No meio o figado de vitela, semeando-se por cima de salsa picada.

De mulher para mulher

Gardenia: — Não me admira que tenha um tão requintado gôsto o seu pseudónimo indica que é uma flôr de luxo...

Para que o seu roupão de veludo fique quente e confortável, forre-o com um tecido de jersey de lã no mesmo tom.

Nada perde da sua elegância e fica muito agradável para as manhãs de frio.

Alice: — Têm tôda a razão, uma mulher que têm a sua profissão, póde ser «chic» e bem feminina. Póde usar o seu casaco de peles, usam-se sempre e nada há de mais confortável para o frio. Se está muito antigo mande-o modernizar um pouco, nas casas da especialidade. Uma gola, um pequeno jeito modifica-lo-ia para melhor.

Violeta: — Para fazer «ski» é necessário uma «toilette» especial, que têm de ser com calças e umas botas altas e fortes bem atacadas de maneira a segurar bem o tornozelo. Para o busto uma chandaille em lã, um casaco no mesmo tecido, uma boina e «echarpe», e nada mais é preciso senão... habilidade para não caír.

Margaret: — E' encantadora a sua atitude de adaptação. Uma mulher que casa com um estrangeiro deve habituar-se a considerar sua, a nacionalidade dele, como diz. Leia a «Cidade e as Serras» de Eça de Queiroz, «A Correspondência de Fradique Mendes» e a «Ilustre Casa de Ramires» do mesmo autor. Sempre que queira qualquer coisa estou ao seu dispôr.

Pensamentos

A vida dá-se-nos e merecêmo-la dando-a.

Não temais nunca o instante que passa, diz-nos a voz da eternidade.

Cada criança que vem ao mundo, diz-nos: Deus ainda espera no homem.

O bemfeitor bate à porta, mas o que ama encontra-a aberta de par em par.

Desejamos o caminho buliçoso porque o não amamos.

O que é que me aperta o peito? A minha alma, que quere partir para o infinito ou a alma do mundo, que quere entrar no meu coração.

Vivemos no mundo quando o sabemos amar.

Se de noite choras pelo sol, não verás as estrêlas.

Rabindranath Tagore

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

APURAMENTOS

N.º 41

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

DAMA NEGRA
N.º 19

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

MAGNATE
N.º 20

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 18, Olegra.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 20 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Kábula, Magnate.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 19. — Salustiano, 16. — Rei-Luso, 16. — Só-Na-Fer, 16. — Só Lemos, 15. — Sonhador, 15. — João Tavares Pereira, 14. — Magnate, 14. — Lamas & Silva, 11. — Salustiano, 11.

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 9. — Lisbon Syl, 9. — Aldeão, 7

DECIFRAÇÕES

1 — Ama-mago-âmago. 2 — Demo-mora-demora. 3 — Maga-gana-magana. 4 — Tapa-olhos. 5 — Massamorda. 6 — Marto. 7 — Chupado. 8 — Alcova-alva. 9 — Vereda-veda. 10 — Doente-dote. 11 — Pequena-pena. 12 — Alfeça-alça. 13 — Regular-relar. 14 — Bandido-bando. 15 — Estalo-a-ão. 16 — Boquiaberto. 17 — Duvidoso. 18 — Fumoso. 19 — *Finado-fido.* 20 — *Governa Maria em casa vazia.*

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Receber o *legado* sem qualquer *informação?* E quem dá a *ordem?* (2-2) 3.

Leiria — *Deka*

2) Colhi no meu *pomar* um «*fruto*» de *gôsto* saboroso. 2-2 (3).

Leiria — *Magnate*

3) Então manda-me à «*fava*» por uma *ninharia*, ó seu «*Lampião*»? (2-2) 3.

Santarém — *Mister Anão*

4) De uma *pinga* de vinho nãa resulta *bebedeira* se se consultar a *bruxaria*. (2-2) 3.

Luanda — *Ti-Beado*

NOVÍSSIMAS

5) *Sob* êsse aspecto tôda a «*mulher*» faz *ruído.* 1-2.

Lisboa — *Chim Pan Zé*

6) Eu até «*desmaio*» com «*um*» trabalho *prodigioso!* 2-1.

Lisboa — *Rás Kassa*

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 50

SINCOPADAS

7) Tôda a pessoa *alegre* vive «*satisfeita*». 3-2.

Lisboa — *Bisnau (T. E.)*

(Interrogando «Oscar»)

8) Um «*metal branco*» a que *ordem* pertence? 3-2.

Lérias (T. E. — T. M.)

(Agradecendo ao respeitavel confrade «Kábula»)

9) A lei autoriza a *mulher leviana* a fazer suas compras com *moeda de oiro.* 3-2.

Luanda — *Ti-Breado*

10) Um *judeu* é incapaz de proferir um *dito satírico.* 3-2.

Lisboa — *Xis & Grego*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

11)
No masculino
Sou furibundo,
Tudo arraso,
Meto no fundo.

No femenino
Já não sou nada,
Pois me amesquinho,
Fico *calada.*

Chegando ao ão,
Ponho-me à fresca,
E sou então
Barco de pesca.

Coimbra — *José Tavares*

MEFISTOFÉLICAS

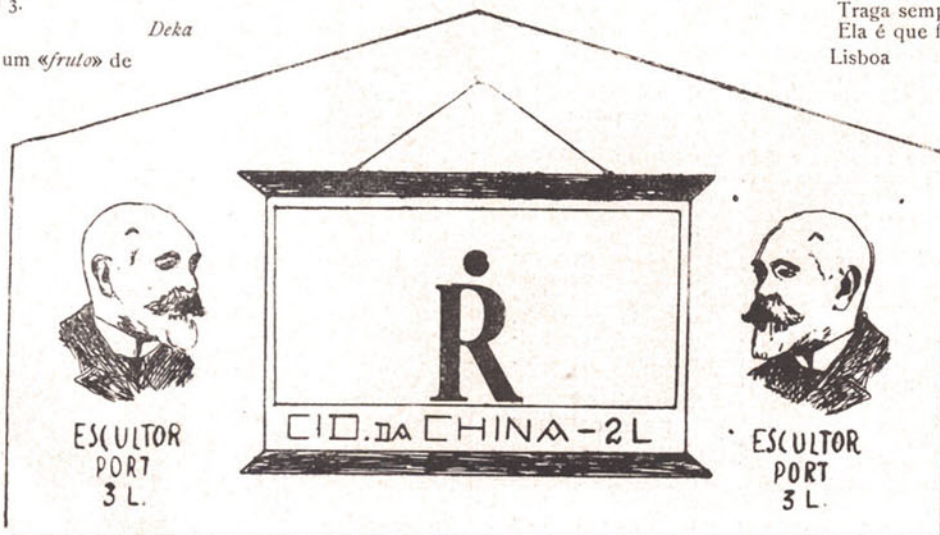
12)
A «*mulher*» do sapateiro,
— Que *pedaço* de mulher! —
É um *naco* todo inteiro ..
E traz-me o juízo a arder. (2-2) 3.

Mafra — *Deka*

13)
O teu *mau modo*, João,
Que só *transmite* desdém,
Traz-me em fogo o coração,
Que *descanso* já não tem. (2-2) 3.

Lisboa — *Miss Diabo*

TRABALHOS DESENHADOS

21) ENIGMA FIGURADO

NOVÍSSIMAS

14)
Deu agora a *maluqueira,* — 2
Ao Zé Manel Cerejeira,

Para grande se fazer
E ricaço a valer!

A «*causa*» de assim andar — 1
E' julgar que vai ganhar

A «taluda» no Natal!
Esse palerma, afinal,

De barriga tão vazia,
Arranjou boa *mania!*

Lisboa — *D. Aurora*

15)
Não se ria ninguém da desventura alheia,
Nem recuse, tampouco, alívio ao desgraçado!
Meninos, — continuou o professor Gouveia —
A velha que aí está, assim com ar magoado,

Decrépita, cansada; a cara encarquilhada;
Os olhos já sem brilho, apagados sumidos...
A voz duma lentura assaz acentuada;
«*O*» fato esfarrapado: andrajos confundidos... — 1

Essa velha, notai, de quem troçando vinham,
Também algo libou da tersa mocidade:
Nos olhos teve luz; mélicos sons provinham
Da sua voz outr'ora. «*A*» pobre, na verdade, — 1

Noutro tempo vestiu melhor do que hoje veste!
Meninos, — atentai! — «*a*» Deus fazeis agravo
Ao querer enganar, com essa esmola agreste,
Quem da miséria sente o amoroso travo!

Silva Pôrto-Bié — *Efonsa*

EM DIA DE NATAL

(Ao prezado amigo «Jofralo»)

Crescite et multiplicamini!
«... só com um soneto seu...»
«Jofralo»

16)
A esquecer mágoas, cuidados,
Passeando num jardim
Vi dois jóvens namorados
Que se escondiam de mim.

Voltei-me, passos andados,
E espreitei... (acção ruím...)
Lá seguiam abraçados
Trocando beijos sem-fim.

Corre o tempo. O mesmo par.
«*Ela*» já a amamentar — 1
Um bébé, enternecida.

Com gesto *brando* êl' premia — 2
A boquita que sorvia
Do seio o néctar da *Vida.*

Lisboa — *Sileno*

SINCOPADAS

(Ao distinto «Rei Viola»)

17)
Há quem, no seu *criticar,*
Abocanhar, mal-dizer,
Se consiga governar;
A bôlsa, às vezes, *encher.* — 3-2

Lisboa — *Bisnau (T. E.)*

18)
O teu *conselho* aproveito,
Embora a *ocasião*
Traga sempre êste defeito:
Ela é que faz o ladrão... 3-2

Lisboa — *Gigantezinho*

19)
A minha alma à tua [*prêsa,*
Para ti vivo sòmente.
Como é bom ter a cer-[teza
Que és só minha *in-*[*teiramente.* 3-2

Lisboa — *Lord X*

20)
Pede o pobre *con-*[*denado*
Que está prêso sem-[-razão,
Que *cedo* esteja levado
Daquela horrível pri-[são. 3-2

Tramagal — *Padre Matos*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a Luiz Ferreira Baptista, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

FIGURAS E FACTOS

Dr. Leonardo Coimbra

Vítima dum desastre de viação ocorrido na Serra de Baltar, faleceu no passado dia 2 o eminente professor dr. Leonardo Coimbra, figura de invulgar relevo.

Banquete de homenagem ao governador civil de Lisboa

Com uma assistência de cêrca de 200 pessoas, realizou-se no dia 5 do mês findo um almôço de homenagem ao sr. tenente-coronel João Luiz de Moura, ilustre governador civil de Lisboa. Presidiu o sr. general Domingos de Oliveira. Foram pronunciados diversos discursos em que a obra filantrópica do chefe do Districto foi justamente enaltecida.

Albino Lapa

A «Questão dos Paineis», que tanto deu que falar há uns bons oito anos, volta a surgir no novo livro de Albino Lapa, escritor erudito que a êste debatido assunto tem dedicado as suas melhores energias. Na presente obra de Albino Lapa, a famosa campanha artística volta a renascer das suas próprias cinzas como a Fenix lendária.

Exposição de esculturas

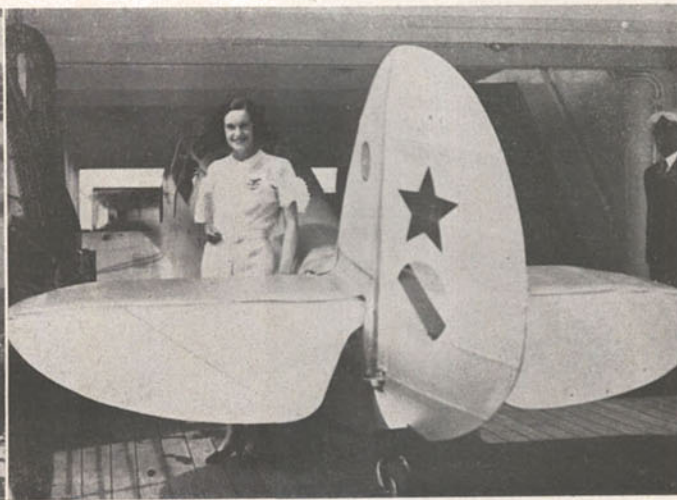
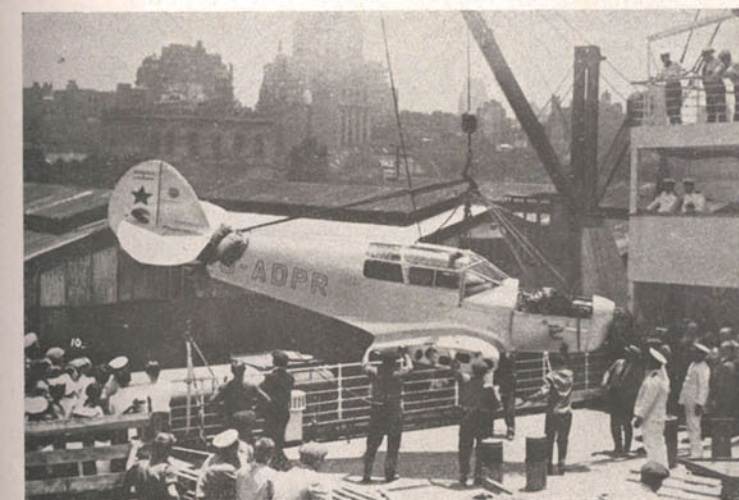
Júlio de Sousa expôs recentemente alguns dos seus trabalhos de escultura, reveladores duma afinada sensibilidade e duma original concepção artística. Vemo-lo aqui rodeado por alguns dos seus amigos, entre os quais o caricaturista Francisco Valença.

D. Ramon del Valle-Inclán

Faleceu em Espanha o ilustre escritor D. Ramon del Valle-Inclán, gloriosa figura do mundo literário e um dos mais prosadores da língua castelhana contemporâneos. A «Ilustração» presta homenagem ao glorioso autor de tantas obras primas consagrando-lhe a capa do presente número onde se reproduz um seu retrato da autoria de Eduardo Malta.

Carlos Lobo de Oliveira

O poeta do «Roteiro das Saudades», no seu último livro «Alegria do Ceu», volta a sonhar suavemente .. O milagre das Rosas enternece e faz-nos sonhar também como o seu autor. Bons tempos êstes em que, apesar das frias realidades que a todo o momento nos assaltam, ainda há quem sonhe em coisas belas...

O «raid» da jovem aviadora «miss» Joan Batten

«Miss» Joan Batten é a arrojada aviadora que a bordo duma avioneta tentou com êxito o vôo Inglaterra-Brasil. Vemos aqui dois aspectos do regresso da audaciosa aviadora à Europa. A' esquerda, o embarque do avião no Rio de Janeiro. A' direita, «miss» Joan Batten a bordo do navio que a reconduziu à sua pátria.

VIDA ELEGANTE

Diplomatas

O ilustre encarregado dos negócios do Brasil, em Portugal, sr. dr. Alvaro Teixeira Soares e sua espôsa, a sr.ª D. Pepita Teixeira Soares, ofereceram no Palácio da Embaixada do Brasil, na noite última do ano, uma lindíssima festa, com carácter de muita intimidade, a qual decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, tendo-se dansado, com verdadeiro entusiasmo ao som de uma eximia orquestra «jazz-band».

Pelas duas horas da madrugada, foi servida no salão de meza, que se encontrava artística engalanado com grande profusão de flôres e lumes, uma finíssima ceia. Os ilustres diplomatas tiveram ocasião de mais mais uma vez pôr em destaque as suas fidalgas qualidades de carácter, tendo os convidados retirado extremamente gratos com os deliciosas momentos que lhes proporcionaram.

Na assistencia viam-se as seguintes pessôas:

Conde e Condessa de Vila Maior, Conde e Condessa de Mozar, Conde e Condessa de Castro, Visconde e Viscondessa de Almeida Garrett, Viscondessa de Coruche, Visconde do Seixal, Otávio da Silva Leitão,, D. Amélia Morales de los Rios Leitão e filhos, Dr. Manuel de Oliveira Monteiro, Dr. Filipe Salazar de Sousa, D. José Antunes de Vasconcelos e D. Maria Inácia Cardoso de Vasconcelos, Dr. Tito de Castelo Branco Arantes e D. Maria Luísa Seixas Arantes, D. Maria Luísa Ribeiro da Silva Infante da Câmara, D. Francisco de Avilez e D. Maria de Avilez, Dr. Soares Franco e D. Maria Carlota Somer Viana Soares Franco, Dr. Borges de Almeida, D. Maria Borges de Almeida e filhos, Dr. Vilhena de Almeida e Vasconcelos e D. Elza de Almeida e Vasconcelos, Dr. Fernando Tavares de Carvalho e D. Dalila Correia Leite Tavares de Carvalho, Bartolomeu Perestrelo e D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrelo, José Maceira Lino e D. Maria Tereza Pressler Lino, Adolfo Burnay Soares Cardoso (Marco), e D. Eugénia de Avilez Soares Cardoso, António Macieira Lino e D. Maria Constança de Vasconcelos e Sousa Lino, Dr. Gabriel de Bianchi e D. Maria João da Câmara Bianchi, Dr. Morais de Oliveira, Paulo de Artagão e D. Merita Correia de Artagão, Francisco de Vilhena e D. Maria Vechi Pinto Coelho de Vilhena, D. Maria do Carmo de Orey Corre Sampaio (Castelo Novo), Frederico de Perestrelo e Vasconcelos, Francisco Roque de Pinho (Alto Mearim), D. Maria Aguiar de Andrade Roque (Alto Mearim) e irmã, Ruy Correia Leite, José Gomes Pressler, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

Casamentos

Realizou-se no palácio da Legação da Argentina, o casamento civil e religioso da sr.ª D. Lina de Oliveira Cesar, gentil filha da sr.ª D. Lucrécia de Oliveira Cesar e do sr. D. Ramiro de Oliveira Cesar, ilustre consul geral da Argentina em Lisboa, com o distinto advogado argentino sr. dr. D. Manuel Alberto Paz, tendo servido de padrinhos por parte da noiva os pais da noiva e por parte do noivo o sr. D. René Corrêa-Luna, ilustre encarregado dos negócios da Argentina em Portugal e sua espôsa, a sr.ª D. Tereza Corrêa-Luna, sendo o acto religioso presidido pelo reverendo Paulo Sullivan, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para o Palace do Bussaco, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Pelo maestro Júlio Silva, foi pedida em casamento para seu sobrinho, o sr. Augusto Nunes da Silva, filho da sr.ª D. Beatriz Guterres Nunes da Silva e do sr. João Nunes da Silva, a sr.ª D. Maria Inez Tavares de Macedo, interessante filha da sr.ª D. Ana de Azevedo Tavares de Macedo e do sr. António dos Santos Tavares de Macedo.

— Na paroquial de S. Pedro, em Alcantara, realizou-se o casamento da sr.ª D. Olga Maria de Assis Chaves, gentil filha da sr.ª D. Hilda Silveira de Assis Chaves e do sr. Jorge Ferreira da Silva Chaves, já falecido, com o sr. António de Carvalho Ferreira, filho da sr.ª D. Maria Joana Carvalho Ferreira e do sr. Agostinho Ferreira, já falecido, tendo servido de padrinhos por parte da noiva, sua mãi e seu irmão sr. Aquilino Chaves e por parte do noivo a sr.ª D. Adélia Silveira de Assis Mesquita de Oliveira, tia da noiva e o sr. João de Almeida Júnior, presidindo ao acto o prior reverendo monsenhor Pinheiro Marques, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da mãi da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Ferrari», partindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande numero de valiosas prendas.

— Realizou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria Domingas de Siqueira de Noronha (Paraty), interessante filha da sr.ª D. Maria de Lourdes de Siqueira de Noronha e do sr. D. Carlos do Carmo da Camara de Noronha (Paraty), com o sr. José Pedro Pimentel de Sant'Ana e Vasconcelos, filho da sr.ª D. Júlia de Sousa Pimentel e Vasconcelos, e do sr. Jacinto de Sousa Sant'Ana e Vasconcelos, já falecido, servindo de madrinhas as tias da noiva sr.ªs D. Clotilde Raposo de Siqueira e D. Maria Carlota Cordeiro Feio de Noronha e de padrinhos os srs. Alexandre de Sousa Sant'Ana e Vasconcelos tio do noivo e Prostes da Fonseca, presidindo ao acto o reverendo Frei Augusto de Araujo, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimonia religiosa, foi servido na elegante residência dos paes da noiva, um finissimo lanche, recebendo os noivos um grande numero de artísticas prendas.

— Com a maior intimidade, realizou-se na capela das Picoas, o casamento da sr.ª D. Germana Marques Vieira Pinto, gentil filha da sr.ª D. Rosalina Marques Vieira Pinto e do sr. Alfredo Vieira Pinto, membro do conselho de administração da «Renascença Gráfica», com o distincto advogado no Porto e administrador gerente da União Elétrica Portugueza, sr. dr. João Pedro Ruela de Almeida Ramos, filho da sr.ª D. Maria Antónia Ruela Ramos e Silva, e do sr. Manuel Joaquim de Almeida Ramos, tendo servido de padrinhos por parte da noiva, seus pais e por parte do noivo sua irmã a sr.ª D. Emília Ruela Ramos de Almeida e Silva e o sr. dr. Carlos Barbosa, sendo o acto presidido pelo reverendo cónegó sr. dr. Francisco Correia Pinto, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, á Avenida Duque d'Avila, um finíssimo lanche da pastelaria «A Garrett», partindo os noivos depois para a sua casa no Estoril, onde foram passar a lua de mel, seguindo de ali para o norte.

Aos noivos foi oferecido um grande numero de artísticas e valiosas prendas.

— Realizou-se na paroquial dos Anjos, o casamento da sr.ª D. Elisa Belmarço de Matos, interessante filha da sr.ª D. Maria Luisa Belmarço de Matos e do sr. José António de Matos, com o sr. António Adriano da Silva Dias Antunes, filho da sr.ª D. Lucília Leite e Silva Dias Antunes e do coronel sr. Dr. António Dias Antunes, ausente, servindo de madrinhas a prima da noiva sr.ª D. Stela Belmarço da Costa Santos e a mãi do noivo e de padrinhos os srs. José Bento Belmarço, tio da da noiva, que se fez representar pelo sr. Guilherme de Barros Pereira de Carvalho, e o major Costa Santos.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Com extraordinário brilhantismo, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Amália Serzedelo Fernandes de Oliveira, gentil filha da sr.ª D. Lucinda Adelaide Serzedelo Fernandes de Oliveira e do major sr. Manuel Joaquim de Oliveira, com o sr. Hipólito Alegre da Silva, filho da sr.ª D. Alcácia e Lorena Urban Alegre da Silva e do sr. José Vicente da Silva, tendo servido de madrinhas as sr.ªs D. Guilhermina Serzedelo Fernandes de Oliveira e Silva, irmã da noiva e D. Lídia Fiadeiro Alegre e Silva, cunhada do noivo e de padrinhos os srs. Sabino Augusto de Almeida e Silva, cunhado da noiva e João Alegre e Silva, irmão do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à Avenida António Serpa, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Na paroquial dos Mártires, realizou-se o casamento da sr.ª D. Joana de Carvalho Amaral, interessante filha da sr.ª D. Margarida Fernandes de Carvalho Amaral e do sr. António Joaquim de Moura Porto Amaral, já falecido, com o sr. António Morgado da Silva Palhavã, filho da sr.ª D. Gertrudes Morgado Palhavã e do sr. Francisco António Palhavã. Foram madrinhas as sr.ªs D. Maria Amélia Amaral Caldas e D. Rosa Palhavã Cristovão e padrinhos os srs. José de Carvalho Amaral e José António Correia Palhavã. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção. Presidiu ao acto o prior da freguesia reverendo cónego Cabrita, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da madrinha da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Ferrari», recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Realizou-se na Basílica da Estrêla, o casamento da sr.ª D. Elvira Fernandes Gonçalves, gentil filha da sr.ª D. Tereza Fernandes Gonçalves e do sr. Joaquim Martins Gonçalves com o sr. Alexandre Dias dos Santos, filho da sr.ª D. Hermínia Simões Santos e do sr. Alexandre Dias dos Santos.

Serviram de madrinhas as sr.ªs D. Alice Monteiro e D. Elvira Marques Simões e de padrinhos os srs. Joaquim Santana de Carvalho e Flaviano Monteiro Bigotes.

Presidiu ao acto o prior da freguesia, monsenhor Domingos Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos tios do noivo, um finíssimo lanche seguindo os noivos depois para Coimbra e Luso, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Na paroquial de Santos-o-Velho, realizou-se o casamento da sr.ª D. Olga Aflalo Coelho, gentil filha da sr.ª D. Beatriz Aflalo Coelho e do sr. Adriano da Silva Coelho, com o sr. João Calado Garrudo, filho da sr.ª D. Florinda Calado Garrudo e do sr. António Calado Garrudo, tendo servido de madrinhas a sr.ª D. Amélia da Fonseca Coelho e a mãi do noivo e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Constantino Mota.

Terminada a cerimónia foi servido no salão de mesa do restaurante Tavares, um finíssimo almôço, seguindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Realizou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr. D. Zina Furtado César, interessante filha da sr.ª D. Augusta Furtado César, com o repórter fotográfico sr. Manuel Nunes de Almeida, filho da sr.ª D. Izabel de Almeida e do sr. Luiz Nunes, já falecido, servindo de madrinhas as sr.ªs D. Hermínia Reis e D. Rosa Sousa Diogo Romos e de padrinhos os srs. Raul Reis e Manuel Lourenço Ramos.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência da tia da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Nascimentos

Na sua casa do Estoril, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Júlia Ressano Garcia Pereira de Lacerda, esposa do sr. João de Lacerda, distinto delegado da comissão administrativa do Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarãis, em Cascais.

Mãi e filho estão de perfeita saude.

Teve o seu bom sucesso, na Casa de Saude de Benfica, a sr.ª D. Maria Henriqueta de Barahona Nuncio, esposa do brilhante cavaleiro tauromáquico sr. João Núncio.

Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Francine Farinhas, esposa do distinto engenheiro sr. Manuel Farinhas. Mãe e filho estão de saúde.

— A sr.ª D. Natércia Maria Faria Morgado Cidreiro, esposa do tenente sr. Júlio de Oliveira Cidreiro, e filha do sr. Manuel Francisco Baptista Morgado, inspector-chefe da Sociedade Estoril, teve o seu bom sucesso.

Mãi e filho encontram-se felizmente bem de saude.

D. Nuno.

AS TRADICIONAIS COMEMORAÇÕES DA PASSAGEM DO ANO

Um ano que acaba e outro que começa é sempre pretexto em todo o Mundo para comemorações festivas, em que vai muito do nosso optimismo e do constante impulso de renovação das nossas ilusões.

Por isso, o badalar da meia noite é saüdado com entusiasmo. O silêncio da noite fria de Dezembro é cortado pelo silvo estrídulo das sereias, pelo ronco grave dos grandes paquetes, pelo buzinar dos automóveis. E em ambiente mais íntimo as rôlhas do champanhe saltam com estrondo.

Todo êste ruido parece ter como objectivo despertar o homem dum pesadêlo que dura já há 365 dias. Mas em boa verdade, não faz mais do que mergulhá-lo noutro, que tem desta vez a agravante de ter 366 dias.

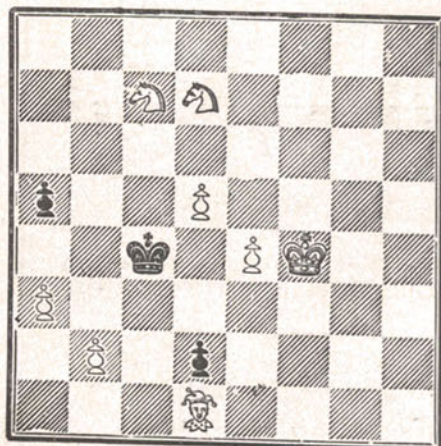
Lisboa não é, por certo, das cidades que célebram com mais brilho a passagem do ano. A data é, entre nós, pobre em tradições. E tanto assim que quási tudo é nessa altura importado do estrangeiro — desde o vocabulário do «reveillon», ao uso de comer doze bagos de uva.

Apesar disso, as festas não são isentas de animação, dentro da relatividade da timidez que os portugueses põem em tôdas as suas manifestações exteriores. Clubes e restaurantes conhecem nesses dias uma invulgar afluência de clientes. E o povo não deixa também de o festejar em lautas ceias onde ainda sobrevive a tradição do bacalhau com grelos e das filhoses.

As gravuras que ilustram esta página mostram alguns aspectos da passagem do ano, colhidos ao acaso da reportagem. Ao alto, a modesta ceia familiar, onde a ausência de requintados acepipes é suprida por uma íntima cumunhão de afectos. Por baixo, a meia noite em diversos clubes e restaurantes de Lisboa. E ao fundo o «reveillon» no Estoril, cuja selecta freqüência, continua a torná-lo ponto de reunião obrigatório da nossa primeira sociedade.

Xadrez

(Problema por E. Varain)

Brancas 9 Pretas 4

Jogam as brancas e dão mate em três lances.

Bridge

(Problema)

Espadas — A. R. 5, 3.
Copas — V.
Ouros — 8.
Paus — 10, 6, 3.

Espadas — 9, 6, 4.	N	Espadas — V. 10, 8.
Copas — 9, 5.	O E	Copas — 10, 6, 2.
Ouros — A. 10, 7.		Ouros — — — —
Paus — D.	S	Paus — R. 9, 5.

Espadas — D.
Copas — D. 8, 4.
Ouros — V. 3, 2.
Paus — 8, 7.

Trunfo espadas. *S* joga e faz 7 vasas.

(Solução do número anterior)

O joga 6 de paus, *S* entra com Rei de paus e joga Az de paus, baldando-se *N* à Dama de ouros.

S joga 2 de ouros, *N* faz vasa com Rei de ouros, joga Az de ouros e 3 de copas para dar a mão a *S* com o 10 de copas.

S joga 5 de ouros, que *N* corta com 5 de copas ou recorta com a Dama de copas se *O* cortar com o 6 de copas, jogando o trunfo que lhe resta. *S* faz o Az de copas e trunfa duas vezes, para obrigar *E* a baldar-se a cartas que podem tornar firmes o 8 de ouros ou 7 de paus de *S* ou, se *E* se baldasse a espadas, tôdas as espadas de *N*.

Um novo "record"

O «record» mundial da maior velocidade nas linhas férreas, foi, recentemente, batido em França.

Segundo referem os jornais parisienses, uma nova automotora marca Renault, percorreu, há pouco, nas linhas de Caminho de Ferro da Companhia do Estado francês, a distância de 1.104 quilómetros em 8 h. e 2 m., o que representa 137 km. 500 à hora, velocidade média que nunca tinha sido obtida.

Nessa viagem de experiência, a velocidade máxima autorisada era de 150 km. à hora, e a automotora chegou a andar a 164 km. para demonstrar a sua perfeita estabilidade nas grandes velocidades. O percurso foi: Paris-Nancy (353 km.) em 2 h. 30 m.; Nancy-Strasburgo (150 km.) em 1 h. 4 m. 30 s.; Strasburgo-Mulhouse (109 km.) em 48 m.; e Mulhouse-Paris (492 km.) em 3 h. 39 m. 30 s.

Ilusão óptica

Uma das mais admiraveis ilusões ópticas a que a nossa vista está sujeita foi descoberta, há muitissimos anos, por um alemão, Zollner.

É conhecida por *As vias férreas enganadoras* e aqui se vê representada no desenho junto.

A primeira vista parecer-nos-á que nenhum combôio poderá jámais andar sôbre tais carris; no entanto êles são, na realidade, absolutamente paralelos.

Significação da palavra "Duce"

Este título, dado pelo povo italiano a Mussolini, não tem equivalente noutras línguas. Significa o «Guia», «Aquele que mostra o caminho a seguir e cuja infalibilidade é, a bem dizer, reconhecida como um dogma e admitida por todos».

Também a palavra «Führer» tem, em alemão, significação análoga a traduz exactamente, naquela língua, o qualificativo dado ao chefe do govêrno italiano.

Cães ferroviários

Pode dizer-se que há, no Reich, setecentos cães que são, autenticamente empregados de caminhos de ferro. Utilizam-os, tanto para a vigilância das vias férreas como para ajudarem às pesquizas criminais em casos de roubos, de atentados contra os combóies, etc. O emprêgo dêstes cães permite que se poupe o pessoal; por exemplo, uma patrulha ao longo das vias férreas, em vez de ser desempenhada por dois homens, pode sê-lo por um homem e um cão.

Estes cães são cães de pastor alemães ou cães polícias especialmente amestrados. Prestam serviço durante nove horas por dia.

O *latim* era a língua do Ocidente e o *grego*, a do Oriente. Daí vem o nome de *Império latino* dado ao Ocidente, e de *Império grego*, ao do Oriente. Este foi tambem chamado *Baixo Império*, ou *Império Bisantino*.

O animal despedaçado

Representa esta gravura os pedaços duma figurinha de louça que, ao cair de cima de uma estante, ficou nêste estado.

Queiram recompô-la aquêles dos nossos leitores que tiverem curiosidade de vêr o que ela representava.

Vinte cinco anos de sôno

Em 1910, morreu perto de Johnesburgo e das consequências dum desastre na caça, um lavrador, rapaz novo ainda. Quando a noiva Ana Swanapoll, de vinte anos, teve conhecimento da trágica notícia, desmaiou. Passou uma semana e a rapariga continuava a não saír do seu torpor.

Fôram chamados os melhores médicos da Africa do Sul mas não conseguiram fazê-la voltar a si.

Durante anos, Ana Swanapoll conservou-se num sanatório e só em janeiro de 1935, depois dum sôno de vinte cinco anos é que acordou sem saber porquê.

Ana Swanapll julga ainda que está em 1910, não sabe nada da guerra nem dos progressos da aviação e do automobilismo. Os médicos rodeiam-na de mil cuidados pensando que um novo choque lhe poderia ser fatal.

Mas como lhe hão de explicar, se ela pedir um espelho, porque motivo tem os cabelos brancos, quando julga que tem ainda vinte anos?

A palavra *vassalo*, que é hoje sinónimo de *subdito*, era antigamente um título, tão honroso, que o cronista de D. Pedro I diz que, no seu tempo, só era *vassalo* o filho, neto, ou bisneto de fidalgo de linhagem.

— Olha, Alfredo, que interessante! Não aprecias estas traves de carvalho, tão antigas? — *(Do «The Happy Magazine)*.

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado...... 10$00

Eurico, o presbítero, (Romance). — 388 páginas, brochado...... 10$00

O monge de Cister, (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado 20$00

Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado..... 20$00

História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado........................ 96$00

Estudos sôbre o casamento civil — 284 páginas, brochado 10$00

História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado....... 30$00

Composições várias — 374 páginas, brochado.................. 10$00

Poesias — 224 páginas, brochado.............................. 10$00

Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado............... 20$00

Opúsculos:

Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 311 páginas
» II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
» III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
» IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
» V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas
» VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas
» VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
» VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
» IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
» X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas

Cada volume, brochado.............................. 10$00

Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado.............................. 12$00

Com encadernação em percalina, mais 5$00 por volume

■

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE AGOSTINHO DE CAMPOS

Alguns aspectos da literatura portuguesa, por *Aubrey F. G. Bell* (tradução), br. .... 3$00

Comentário leve da Grande Guerra:

I — *Europa em guerra* (esgotado).
II — *O Homem, lobo do Homem* — 304 págs., br.............................. 10$00
III — *Portugal em Campanha* — 299 págs., br. 10$00
IV — *Latinos e Germanos* — 319 págs., br.......... 10$00
V — *A Carranca da Paz* — 316 págs., br. .... 10$00

Ensaios sôbre educação:

I — *Educação e Ensino* — 317 págs., br......... 10$00
II — *Casa de Pais, Escola de Filhos* — 248 páginas, br.............................. 10$00
III — *Educar, na Família, na Escola e na Vida* — 352 págs., br.............................. 10$00
IV — *A mãe de todos os vícios* — 293 págs., br. 10$00

Homem (O), a ladeira e o calhau — br.............................. 10$00

Jardim da Europa. — br.............................. 10$00

Ler e tresler. — br.............................. 10$00

Lição moral e cívica, dada perante os alunos do Liceu Pedro Nunes, no primeiro aniversário do assassínio do Presidente Sidónio Pais.............................. 3$00

O pintor Carlos Reis. — 1 fol. formato grande.............................. 4$00

Três prosas (As) — A pobre, a rica e a nova rica. — 64 págs., br. .... 3$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado........... 5$00

ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado.. 12$00

ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado........ 12$00

FILHAS DE BABILÓNIA (Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado.............................. 12$00

O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch.............................. 12$00

JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão sentimental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado.............................. 12$00

TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado....... 12$00

VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs, brochado............ 12$00

A BATALHA SEM FIM (Romance) — 308 págs., brochado... 12$00

AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado.............................. 10$00

MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado.......... 12$00

É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs, brochado.............................. 12$00

ROMANCE DA RAPOSA, 2.ª edição muito remodelada, com ilustrações de *Benjamin Rabier*, 1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a côres em hors-texte e capa a côres.............. 15$00

ALEMANHA ENSANGUENTADA, 1 vol. de 312 págs., broc. 12$00

QUANDO AO GAVIÃO CAI A PENA, 1 vol. de 272 págs., broch. 12$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado.................. 10$00

DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs, brochado........... 10$00

D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado... 12$00

D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado...................... 14$00

ESPANHA — Nova edição.............................. no prelo

JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado........... 12$00

LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado......... 12$00

O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch. 3$00

RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado.......... 12$00

SENHORA DO AMPARO — 250 págs., brochado............... 12$00

TOLEDO (Impressões e evocações) — *Indice:* Viagens — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones" A Alcáçova da Saüdade — As "Sabatinas" na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco" — En "San Juan de los Reys" — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado.............................. 10$00

O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado....... 12$00

A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.

MIRADOURO, Tipos e Casos — 320 págs., brochado......... 12$00

■

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS
DE
JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são impereciveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

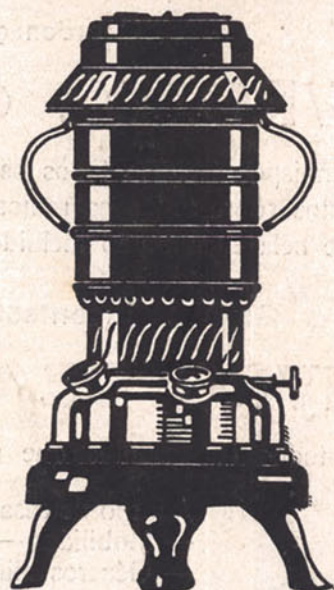
Cada volume, encadernado em percalina 160$00
„ „ „ „ carneira 190$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Não se pode dizer que só lhes falta falar — mas, como Caloríferos modernos de preço módico, aos VACUUM 99 nada falta.

Além disso, há-os de lindas côres. Gastam pouco — Teem grande rendimento térmico — Cozinham.

E.

VACUUM 99

Só são "Caloriferos Vacuum 99" aqueles que teem gravada a marca VACUUM

USAR PETROLEO SUNFLOWER

1495